

# O GAÚCHO QUEM É...



Pedro Ari Veríssimo da Fonseca



**O gaúcho quem é...**





Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

## **O gaúcho quem é...**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projtopassofundo.com.br](http://www.projtopassofundo.com.br) e-mail para contato:

[projtopassofundo@gmail.com](mailto:projtopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Literatura, História, -Passo Fundo: Pd Berthier, 1999. 104p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado em: 24/08/2016

---

P676g Fonseca, Pedro Ari Veríssimo de

O gaúcho quem é... [recurso eletrônico] / Pedro Ari Veríssimo de Fonseca. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.

1,8 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-224-4

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projtopassofundo.com.br>>.

1. Gaúchos – Usos e costumes. 2. Etnologia. 3. Rio Grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 39(816.5)

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# APRESENTAÇÃO

Nada escrevi

apenas parei rodeio

e apartei

O Autor

Pela terceira vez Pedro Ari Veríssimo da Fonseca me proporciona a alegria da ilustração de uma obra sua.

É com responsabilidade que a assumo, procurando retratar com imagens o que as palavras expressam: A origem deste homem destemido e forte que é o gaúcho.

Otelo Ribeiro



Ao Edson Otto, operário do tradicionalismo, ofereço este trabalho.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

## PRÓLOGO

O homem só pode ser analisado no seu espaço e no seu tempo, como o fez o escritor uruguaio Fernando Assunção, na sua belíssima obra *El Gaucho su espacio y su tiempo*. É preciso conhecer a História para que ele, o homem, seja devidamente avaliado. E é o que dele permanece que devemos analisar. Em todos os tempos e em todos os grupamentos vivos há um comportamento durante um período de longa duração que forma a mentalidade e molda-lhe o caráter, isto é, há um comportamento coletivo que lhe dá uma característica.

Numa sociedade, constituem-se em regra os costumes praticados pelas pessoas de bem. No campo específico do gaúcho, não é passível de dúvidas o comportamento dele diante das lidas campeiras, da guerra e da sociedade rio-grandense. Embora o gaúcho tenha vagado pelos campos, em grupos, quando não estava em luta armada em nome de uma pátria ou de outra ou à caça do gado para courear e sebear, não consta que a força de que era dotado, a liberdade sem limites de que gozava e a ausência de policiamento tenham sido usadas para molestar moradores e populações escassas e esparsas de brancos e de índios. Nunca se constituiu em inimigo, seja entre seus iguais seja entre os demais povos entre os quais conviveu pacificamente. Guerreiro fantástico, sempre empunhou a lança em defesa da liberdade. Impossível admitir que não tivesse noção disso.

Busquei entre os autores mais eminentes do Rio Grande do Sul definições que possam permitir ao leitor a idéia de quem foi esse tipo social denominado gaúcho e o seu valor perante a História, dentro do conceito da época, valor este que foi capaz de influenciar vasta região geográfica, e influência esta que persiste até os nossos dias. O gaúcho nos deixou uma herança



cultural tão forte que na medida em que o tempo avança mais se fortalece.

O homem é capaz de reconstituir civilizações há milênios desaparecidas. Eu faço uma tentativa de reconstituir um tipo social que influenciou diretamente a população de três pátrias. Por ser um fato recente, as marcas ainda estão frescas. Outros trabalhos virão contestando ou aumentando o que escrevi, mas todos aumentarão o nosso conhecimento sobre o gaúcho “no seu espaço e no seu tempo”.

Advirto o leitor que neste livro não há uma continuidade de narrativa. Em cada capítulo o leitor encontrará um autor diferente. E dentro da heterogeneidade de autores, de tempo e da evolução social, o que permanece homogêneo é o caráter e a mentalidade do gaúcho. E é isso que o autor tenta demonstrar.

O Autor



## O GAÚCHO, QUEM É, DE ONDE VEIO...

Esta foi uma das propostas do idealizador do I Seminário Nacional, TRADIÇÃO GAÚCHA, Origem, Evolução e Antropologia, Edson Otto, realizado em Capão da Canoa, 23, 24 e 25 de novembro de 1994. Entre os vários convidados para discorrer sobre o tema, tive a honra de ser um deles.

Parto do princípio de que o gaúcho foi um homem, e não um mito. Tinha aptidões, caráter e um comportamento que admiravam, a ponto de cultuarmos esses predicados; coragem sem limites, rusticidade própria de dois puro-sangues cruzados. Embora sob o ponto de vista sociológico, genericamente, sejam tratados como um grupamento humano heterogêneo, de comportamento homogêneo, principalmente pelos escritores de fala espanhola, eu não penso assim. Parece-me que a heterogeneidade deu-se a custa de uma minoria ou interesseira, ou de criminosos, ou ambas as coisas.

As aptidões campeiras e guerreiras do gaúcho foram, simplesmente, aproveitadas pelos grupos oficiais, não oficiais e marginais de europeus. Conforme a função exercida por um grupo, o gaúcho era classificado. Se acompanhando um exército, era um guerreiro temível, se acompanhando os caçadores de gado, um campeiro inexecrável, se acompanhado de marginais assim também o classificavam. Ah! A Bahia, gostosa, praieira, dos trios elétricos, do carnaval de rua, das noites à beira-mar, cantando e dançando. Agora, se o gaúcho ata o pingo na estaca em frente à ramada, corre carreira, carteia, canta ao som da viola, e dança uma chula: vagabundo dos campos! Diz-me com quem tu andas, e eu te direi quem és, ensina o refrão aplicado pelos europeus, e assim o gaúcho foi por eles julgado.

Origem - Resultante do cruzamento do homem europeu



com a mulher índia, geralmente guarani ou guaranizada. A mulher européia é elitista, de preferência não se acasala com homens de outras raças ou de outros continentes, até os dias de hoje.

Origem Geográfica - O tipo social originou-se em torno da Colônia do Santíssimo Sacramento, fundada pelos portugueses com a finalidade de tomar posse dos campos situados à margem esquerda do rio da Prata. O tipo social gaúcho teve origem em território sob o domínio, de fato, dos portugueses, que mais tarde foi cambiado pela região missioneira, à esquerda do rio Uruguai.

A matriz para a continuação da mestiçagem, no Brasil, não foi extinta. Diante do fato, o governo português autorizou o casamento dos soldados portugueses de sangue limpo com índias missionieras de sangue limpo. Construiu educandários e entregou-os a religiosas. Estas educaram as jovens índias em prendas domésticas e nas primeiras letras, preparando-as para assumirem o lar dentro dos padrões da cristandade e dos costumes portugueses.

O português foi quem iniciou o contato diário, contínuo e de longa duração com o tipo social gaúcho em sua formação, em função da Colônia do Santíssimo Sacramento. Após o traçado das fronteiras, deu continuidade a esse contato pelo acasalamento do homem europeu com as índias, casando-os, agora, sob a proteção das leis portuguesas e dentro dos princípios da doutrina de Cristo.

O sesmeiro dos campos da campanha rio-grandense, geralmente militar, absorveu a mão de obra gaúcha e continuou fazendo arrendamentos para povoar os campos que lhe haviam concedido. Este fato só reforçou a mentalidade do gaúcho de que os gados eram *Res Nullius*, ou reíunos na acepção de Cornélio Pires.

Embora a controvérsia existente entre as palavras reíuno



e reúno (*pres. ind.: reúno; pres. subj.: reúna, do verbo reunir*), a minha origem dos campos de Curitiba me faz pender para o termo reiúno, que nós sempre entendemos como animal sem dono. A palavra está viva entre nós. Entendo a palavra reúno como do verbo reunir como está no Novo Dicionário Aurélio: *Bras. Botina com elástico, usada pelos soldados (Cf. reúna, do verbo reunir)*; e na aceção do conde D'Eu que assistiu ao gaúcho reunindo cavalos para as tropas e cortando-lhes a ponta de uma das orelhas, assinalando-os como propriedade do Estado, *fornecido pelo Estado, particularmente pelas forças armadas*. Botas reunas, espingardas reúnas, cavalos reúnos, etc.

O gaúcho, das arreadas para courear e sebear, apenas mudou para o arrear e invernar; e depois courear, sebear e charquear. O que mudou foi o aproveitamento da carne.

As lutas militares continuaram as mesmas para o mestiço, que nasceu com elas em 1680 e que se continuaram até 1893, com a Revolução Federalista. Daí em diante, o tipo social vaqueiro-guerreiro se dilui nas estâncias como peões e esquiladores; nas charqueadas, como tropeiro e safrista.

Pouca coisa mudou para o mestiço desde o seu aparecimento até 93.

O fato das sesmarias de fronteira terem sido concedidas a militares foi altamente positivo para a afirmação do caráter do gaúcho e para a formação da *mentalidade* dele. Os militares, educados para o mando e para a obediência, incutiram estes mesmos princípios na mente do gaúcho, fundamentais para manter em ordem a imensa campanha.

Os mestiços foram mantidos em estado de alerta, sempre! Para o gaúcho, a luta armada é-lhe irmã gêmea. No período de 1680 a 1893 o gaúcho participou de todas as lutas internas e externas. Serviu a Pátria como guerreiro e não como militar. Perante a Pátria, ele não teve direitos, teve deveres. Sem nada receber pelos serviços prestados, deixou como herança o



## CARÁTER e a MENTALIDADE.

E é por isso que eu parto do princípio de que o protótipo do gaúcho que nós tradicionalistas cultuamos é o filho do homem europeu com a índia. Todo o mestiço, e de qualquer raça, educado em família européia, terá uma MENTALIDADE européia.

Anselmo F. Amaral colocou muito bem esta questão em As três Sagas de uma Longa História: O personagem Gabito, mestiço, criado por europeus, terminou seus dias em Montevideu como um cidadão europeu, fazendeiro que se tornara; D. Miguel Carai, mesmo sangue mestiço, mas criado entre a tribo de sua mãe, *foi considerado o primeiro gaúcho de campo e rei dos minuanos.*

Aqui no Alto Uruguai tivemos fato igual. A. A. Gómez de Arroyo, em Os Espanhóis na Formação do R.G.S., escreve:

*O então jovem Dom Miguel de Aguilar, irmão leigo da Companhia de Jesus, fora enviado pelo superior juntamente com outro irmão de nome Alejandro Martinez e trinta índios a longínquas regiões ervateiras do rio Guarita. Após longa jornada de marchas, quando se achavam numa canhada perto desse rio, em zona desconhecida do homem branco, foram atacados pelos aguerridos Coroados, que a si próprios se chamavam Caingangs. Alejandro pereceu na luta e Miguel, ferido, foi conduzido ao toldo do cacique Tandú (o Raio). Aí recebeu o nome de Fondengue, não muito elogioso na língua dos caingangs. Habitou-se ao convívio dos selvícolas, auxiliando-os nas doenças e na guerra; cobrou ascendência sobre eles e, por morte de Tandú, tornou-se o chefe. Dilatou os seus domínios em ações guerreiras, subjugou tribos vizinhas e avassalou vários caciques. Foram seus filhos o valente guerreiro Gôio-Ming (Tigre da Agua), morto em combate contra os brancos, que após o falecimento de Fondengue, invadiram seus domínios, e Nonoai, o bem conhecido chefe indígena que deu nome à fértil zona do nosso estado.”*



O matrimônio, o ajuntamento da índia como soldado, as guerras contínuas, a diluição nas estâncias e a evolução social foram os fatores determinantes para o desaparecimento do tipo social gaúcho primitivo.



## O FORMAÇÃO DOS MESTIÇOS NO BRASIL

Os escravagistas de São Paulo procuraram manter o índio do Rio Grande do Sul como classe inferior, “equiparado aos escravos”, bem como os descendentes.

Ruben Neis, em O ÍNDIO NA MESTIÇAGEM DO RIO GRANDE DO SUL, cita que em Triunfo havia um livro em separado de registro de casamentos de índios, pardos e pretos. Enquanto na mesma freguesia se enterravam os brancos dentro da igreja, os pretos e os índios eram enterrados em frente à mesma igreja.

Ensina-nos Neis que a palavra pardo referia-se também ao filho do branco com a índia, bem como a expressão casaram-se com gente da terra ou gentio da terra, referia-se a descendentes de índias.

Esses “descendentes de índias” em solo brasileiro tiveram um papel relevante, desde os primórdios do povoamento e em todo o Brasil. O papel deles no povoamento da Província de São Pedro é tratado pelos pesquisadores sem citações pejorativas, o que não ocorre nos escritores de língua espanhola, ao se referirem ao gaúcho platino. O português amou as índias de todas as raças e com elas deixou descendência ilustre.

**Luiz Gonzaga Jaeger escreve:**

*As primeiras famílias que se estabeleceram no continente de São Pedro, desde Tramandaí até os campos de Viamão, são todas, como sabemos, de origem mestiça, ocupam entre elas o lugar mais destacado os oito filhos do capitão-mor de Laguna, Francisco Brito Peixoto, que teve de várias índias carijó, os*



*primeiros moradores do Rio Grande. A descendência deles, que foram casados, se desgalha em seis vigorosos troncos de notáveis famílias gaúchas.*

### **Charruas e Minuanos:**

*É sabido que charruas e minuanos se misturaram inicialmente em grande número com espanhóis no sul do estado e no território do Uruguai, surgindo dessa união gaúchos bandoleiros, ladrões e assaltantes de antigas fazendas, os gaúchos primitivos dos tempos em que esse termo era ainda pejorativo.*

Mais tarde, o português se uniu às índias charruas. E sobre isso escreve Guilhermino César:

*A cultura material charrua contribuiu enormemente para criar o tipo clássico do gaúcho primitivo. Esses índios não cultivavam a terra; no início da colonização portuguesa, viviam em toldos cobertos de couro; assavam a carne em brasas, espetada num pedaço de pau, e na guerra não dispensavam as sentinelas (bomberos), mas, segundo Félix Azara, não conheciam as boleadeiras. Eram de cor escura e combateram as tribos dos Iaró e Mboane, da mesma nação, no século XVI, até exterminá-las. Quando os espanhóis lançaram os fundamentos de Montevideu (1724) foram os Charrua hostilizá-los mas não tiveram êxito, pois os fundadores estavam protegidos por milhares de arcos guaranis, procedentes dos sete povos.*

### **Sobre a união dos portugueses com as charruas, conclui Neis**

*Temíveis e ágeis cavaleiros, feitos capatazes e peões de estâncias, deles descende, em grande parte o gaúcho da campanha do sul do nosso estado, com sua formação e seus costumes característicos, herdados em parte com seu convívio com os castelhanos.*

Debret deixou-nos os belos quadros Charrua civilizado



e Chefe charrua.

Guilhermino César escreve sobre os minuanos:

*Os índios Minuano, em meados do século XVIII, prestaram relevantes serviços a Portugal. Nossos colonos com eles trataram e comerciaram em paz, fazendo-se amigos. José Saldanha, que os observou de perto, depõe: “Os minuanos não têm as ventas do nariz e as maçãs do rosto tão intumescidas como geralmente todos os índios; estes são pela maior parte corpulentos e bem feitos, porém as mulheres quase todas de meia estatura.” Usavam poncho de couro, que tingiam com oca de ferro e o xiripá (de algodão); alimentavam-se de churrasco e chimarrão, e mascavam fumo. Suas armas: flechas e lanças. Diz o mesmo Saldanha que as boleadeiras e o laço do gaúcho são heranças minuanas. E mais: “a faca flamenga, com a bainha de couro cru, sempre a trazem entalada entre a tanga de algodão e a cintura pela parte das costas”.*

Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas, em Informações Elementares Sobre a Influência Indígena na Formação do Rio Grande do Sul, quanto aos minuanos, escreve:

*Estes índios estiveram evidentemente enrinconados em torno da Lagoa Mirim ou Mini, como a chamavam antigamente. Fizeram boa aliança com os portugueses. Ajudaram nos ataques e defesas dos então nossos fortes de Santa Teresa e São Miguel, hoje pontos de atração turística no território de nossos amigos uruguaios. Muitos deles foram batizados na cidade do Rio Grande e até deixaram descendência ilustre.*

As aptidões campeiras e guerreiras dos charruas são iguais às dos minuanos: *Cavalarianos temíveis, lanceiros, laçadores e boleadores inxcedíveis, foram auxiliares históricos de nossa formação estancieira e fronteira. No campo de batalha tinham a impetuosidade do raio.*

Assim, desempenharam papel saliente os Guaicuru na



fixação da fronteira austral do Mato Grosso, após a assinatura de um tratado de paz entre um de seus chefes e o governo de Cuiabá.

*Tal foi também a função do Minuano e Charrua como guerrilheiro aliados nas lutas contra as derradeiras resistências das missões Guaraníticas, alfim, irremissivelmente integradas ao Brasil, pela assimilação sócio-política e militar de sua parcela rio-grandense.*

Não podemos omitir que o Prof. Guilhermino Cesar, citando o testemunho de Felix Azara, afirma que os charruas não usavam a boleadeira

O GUARANI - A assimilação sócio-política e militar da parcela rio-grandense a que se refere Oliveira Freitas, assim é descrita por Hugo Ramirez em O Tupiguarani e o Processo de Aculturação:

*Três mil indivíduos, a integrar um total de 600 famílias, deslocavam-se das cercanias do centro nuclear das hostilidades, atraídas pelos hábeis e fagueiros acenos do comandante português das operações de demarcação.*

Em 1757, Gomes Freire de Andrade determina a fragmentação daquele contingente de 600 famílias em três parcelas.

Estas três parcelas foram distribuídas uma para o Passo do Fandango, e mais tarde se radicaram em Cachoeira. Miscigenaram-se com brancos, pretos e mamelucos, diluindo-se. Outra foi para Gravataí, constituindo o núcleo populacional Nossa Senhora dos Anjos. No dizer de Oliveira Freitas, nesse núcleo onde se levantou a Escola de índios da Aldeia dos Anjos (Gravataí) - menina dos olhos do governador José Marcelino de Figueiredo.



## **Sobre essa escola escreve Ramirez:**

*Efetivamente, Marcelino mandou criar duas escolas na Aldeia dos Anjos, para atender as necessidades espirituais dos meninos Guarani, e as administrativas da capitania, a que melhores alunos daquela instituição acabariam servindo, como amanuenses: e das meninas índias, educadas com um requinte que não era dado às brancas de outras áreas do Brasil, já que eram adestradas na leitura, na escrita e nas contas, na costura e no governo da casa e do patrimônio doméstico, prendas indispensáveis às que se destinavam a servir de esposa dos oficiais portugueses e luso-brasileiros da capitania.*

Os índios e os mestiços desse aldeamento tiveram seus nomes trocados para nomes portugueses. ‘Aportuguesadas formalmente pela mudança de nomes e culturalmente pela formação escolar do recolhimento, com a cerimônia das núpcias abandonavam, por completo e para sempre, o mundo indígena (Ramirez).’

### **Ainda mais:**

*O Governador Marcelino de Figueiredo, secundando o alvará Régio, publicou em 31 de julho de 1773 um Edital sobre a repartição de terras aos moradores da Capitania, no qual ordenou:*

*“Toda pessoa militar ou particular de bom procedimento e de sangue limpo, que casar com alguma índia que tenha as mesmas circunstâncias, será preferida nestas mesmas datas de terras e se lhe dará ferramenta para a cultura e dote e será em iguais circunstâncias preferido para todos os empregos e cargos nobres nas formas das Reais Ordens de El-Rei Nosso Senhor, para cuja execução todos devemos concorrer ...”(Neis).*

Aurélio Porto, citado por Ramirez, conclui, falando de Gravataí:



*Os índios que compunham sua população, dispersando-se na maior parte pelas outras povoações, confundiram-se com a população branca, caldeando-se com ela, sendo difícil investigar as origens genealógicas, pois foram todos obrigados a adotar nomes portugueses, de famílias já existentes.*

Graças a essa mentalidade amorosa do português, ausência de racismo psicológico, ele amou a índia e a negra. No Rio Grande, muito mais a índia, pois a negra era escassa. Rafael Pinto Bandeira, de quem tanto nos orgulhamos, era descendente de índios e deixou descendência com uma índia. Já vimos que os mestiços Brito Peixoto deixaram numerosa e ilustre família; assim também Jerônimo de Ornellas. Marechal José de Abreu, Barão de Cerro Largo, mestiço minuano; Pinheiro Machado, tropeiro, senador da República, General honorário do exército Nacional; os Assis Brasil. O próprio Hugo Ramirez tem muito orgulho do sangue índio que lhe corre pelas veias. E os portugueses, no dizer de Arnaldo Bruxels S.J., foram "...enchendo a campanha de mestiços, que, depois de uma ou duas gerações, desapareciam debaixo de nomes brasileiros."

Quanto à juventude guarani, em 1808, Luckok faz a seguinte observação:

*Todo o homem livre da região se acha alistado numa ou noutra milícia.*

Saint-Hilaire, em 1821, ainda haveria de encontrar o Rio Grande militarizado:

*É extremamente necessário diminuir o aspecto militar desta Província se não quiserem destruí-la completamente. Toda a mocidade guarani acha-se em armas; as terras das aldeias estão incultas e os moços hoje são estranhos ao trabalho do campo, não aprendendo nenhum ofício.*

Nicolau Dreys, outro viajante ilustre da mesma época, assim se refere ao guerreiro guarani:



*...; pois a população das missões consta, pela mor parte, dos restos da nação guarani: nação branda, dócil e sofredora, sem, todavia, ser estrangeira ao préstimo militar: deixaram fama no Rio Grande os valentes lanceiros a cavalo, outrora denominados do general Abreu, inteiramente formados de naturais das Missões.*

### **J. Belém, escreve sobre os índios missioneiros:**

*Em fins do ano de 1802 chegaram à Capela do Acampamento de Santa Maria cerca de trinta famílias indígenas, naturais da região missioneira, então incorporadas de direito e de fato à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.*

*Os índios recém-chegados eram indivíduos que, em virtude da catequese dos jesuítas exercida em largos anos, estavam civilizados, tendo abraçado com sinceridade a religião católica, tanto que eram batizados pelo rito romano, recebendo, nessa ocasião, um nome português.*

*Diziam-se guaranis, denominação genérica de uma grande raça que se dividiu em tribos, tomando outros apelidos, conforme opinião quase em geral, mas contestada por alguns estudiosos.*

*Recebidos com satisfação pelos moradores que constituíram o núcleo de formação do povoado, os tais índios levantaram seu rancho no local em que é, hoje, a rua Ipiranga e procuraram trabalho que lhes garantisse a subsistência.*

*Muitos que, em Missões com os jesuítas, haviam aprendido o ofício de ferreiro, de carpinteiro, de pedreiro, dedicaram-se a essas profissões, não lhes faltando serviço no povoado que surgia. Outros dedicaram-se à lavoura, e alguns empregaram-se como peões nas estâncias que cercavam a capela do acampamento.*

*Perfeitamente identificados com o meio, na melhor convivência, respeitada a diferença de classe social, radicaram-se aí e procriaram entre si.*



## A MISTIÇAGEM NO BRASIL

Já vimos que o povoamento da costa leste até Viamão, foi feito por mestiços carijós descendentes de Francisco Brito Peixoto. Deixaram descendência ilustre, que garantiram a posse daquelas terras. Anselmo F. do Amaral, romanceia o fato histórico do aparecimento do primeiro gaúcho sul-riograndense, filho do mestiço ilustre, glória do Rio Grande do Sul, Rafael Pinto Bandeira com Juçara, a palmeira esbelta, filha do minuano mestiço D. Miguel Carai (**carai, o caniço da água? Seria o simbolismo do Anjo protetor nascido das águas da Lagoa Mirim?**).

Quanto aos charruas, “deles descendem, em grande parte, os gaúchos da campanha do sul do nosso estado”. Dispensável lembrar sobre a importância do guarani, célula mater do gaúcho brasileiro, que “encheram a campanha de mestiços”, no dizer de Arnaldo Bruxel.

Nunca encontrei nada escrito citando possibilidades de o gaúcho brasileiro ter ascendência portuguesa pura, ou qualquer outra nacionalidade. Também, nossos historiadores de fontes de pesquisa primária, parece que ainda não “desenterraram” dos arquivos acusações de toda a sorte, de porte significativo, ou mesmo de nenhum porte, sobre a má conduta do gaúcho brasileiro.

Já citamos o mestiço carijó de Santa Catarina, que desempenhou relevante papel no início da povoação sul-riograndense. A Paulistânia, dos primeiros tempos, apresenta-nos o mestiço guaianá (basicamente) que empurrou o Tratado de Tordesilhas até o contraforte dos Andes. O Grande cavaleiro, tão formidável quanto os nossos minuanos e charruas, o mestiço guaicuru, desempenhou importante função, aliado ao português, na demarcação das fronteiras do Mato Grosso. O índio Felipe Camarão, líder na expulsão dos Holandeses. E



quantas lutas o mestiço tupi enfrentou contra os franceses no Rio de Janeiro.

Estas citações todas me vêm à mente, espontaneamente, porque fizeram parte do nosso currículo escolar. O que não fez parte, é o que eu ousou dizer, que todos esses mestiços brasileiros foram todos gaúchos, no sentido que hoje nós damos a essa palavra. Para mim, a expansão do Movimento Tradicionalista Gaúcho abarca todo o Brasil, porque em todo o Brasil há gaúchos, isto é, o mesmo sangue, como se dizia, ou a mesma GENÉTICA, como podemos afirmar hoje. São todos irmãos de sangue e de pátria. Aliado a isso, o fator determinante: a força da organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho.



## ACULTURAÇÃO

O povoamento do Rio Grande do Sul começa a partir de Laguna, pela costa leste, atingindo toda a campanha. Continuou-se, 72 anos depois, com a colonização alemã, italiana e polonesa, em maior número. A partir destes núcleos coloniais, há um movimento migratório de retorno em direção ao norte e pelo oeste, que ultrapassa as fronteiras do Rio Grande do Sul e vai até onde há campos disponíveis para a pecuária e para a agricultura. Estas parcialidades levam consigo os costumes gaúchos e os mantêm onde quer que cheguem. Pelo fato de elas sempre se agruparem em torno dos CTG's, vale dizer, penso eu, que se agrupam em torno da música e dos costumes que elas mesmas cultivaram, no bom sentido, com os brasileiros históricos do Rio Grande.

O fato folclórico parece-me simples: Segundo Lauro de Ayestaran, o acordeon foi inventado por Buchman em 1822. Foi aperfeiçoado em Viena, em 1829, por Damian. Em 1850 chegou ao Uruguai. No Brasil, segundo Barbosa Lessa e Paixão Cortes, a “gaita” para cá veio trazida pelos italianos de Caxias do Sul. Os italianos, que não eram dados a danças, aprenderam nela tocar e a dançar as músicas alemã e polaca: a valsa, o xote, a polca da Bohêmia que se folclorizou na Argentina como chamamé e hoje em processo de folclorização no Brasil, mazurca, nascida na Polônia onde toma o nome de masuriana e é elevada à erudição por Frederico Chopin, sendo introduzida na Rússia e na Alemanha. Em 1750, Augusto III, rei da Polônia, a introduz na Alemanha dando-lhe grande prestígio. Portanto, alemães e poloneses que para cá migraram dançavam a mazurca. Em 1851 ela é anunciada em o jornal “Comércio dei Plata”, de Montevideu, pelo professor de danças M. Raoul Legout. No pampa rioplatino se folcloriza como rancheira. As “Danzas Habaneiras” de Cuba, lá surgidas em 1825, chegam à Europa em 1836.



Em síntese, não são os imigrantes que dançam as danças gaúchas, são os gaúchos históricos que adotaram instrumentos e danças dos imigrantes. Folclorizadas, eles as levam para onde quer que vão.





## O GAÚCHO PLATINO

Todas estas citações eu as fiz para mostrar que o tratamento dado pelos portugueses aos índios e mestiços do Rio Grande do Sul é diametralmente oposto ao dado pelos espanhóis em seus territórios, e para os mesmos índios e mestiços. Embora eu desconheça o detalhe histórico, em tudo o que leio, deles, vejo perseguições, matanças e referências pejorativas de assassinos, ladrões, vagabundos, covardes. O argentino Emílio Coni escreveu volumosa obra provando que aquilo que os literatos argentinos passaram a escrever após o advento de Martin Fierro não tinha fundamentos históricos. E documentou, com os testemunhos de Mitre e do Consejo Nacional de Educación, que a obra de Hernandez, inicialmente, não foi aceita e que estava em desacordo com as tradições argentinas. Os próprios críticos literários argentinos, inicialmente, diziam ser Martin Fierro um gaúcho brasileiro. Mas, também não deixamos de reparar que as perseguições e os sofrimentos impostos a Fierro não ocorreram no domínio português. Nem o PAYADOR PERSIGUIDO, de Yupanqui, por aqui existiu.

Emílio Coni, em EL GAÚCHO, tomando o Gal. Mitre como testemunha, escreve:

*Mitre, con su conocimiento directo del paisano rioplatense, vió claramente la exageración en los barbarismos, en las deformaciones que no han visto los gauchófilos de hoy y que Ascasubi, Hidalgo y Hernandez introdujeron adrede para dar originalidad e exolismo a sus poesias. Si aquello no fué poesia, segun Mitre, agregaré yo que menos aun puede ser tradición argentina; quando mucho, sera portena y gracias*



E tomando o testemunho dos habitantes de dez províncias, representados “por el Consejo Nacional de Educación”(1940), assim conclui:

*..., pero la población campesina y criolla de diez provincias no lo han aceptado, y por lo tanto no le ha dado el carácter de tradicional.*

Hernandez publicou Martin Fierro em 1872. Emílio Coni publicou EL GAÚCHO em 1945.

Sobre o território uruguaio, a tragédia índia e mestiça chegou ao genocídio. No poema épico Tabaré, de Zorilla de San Martin, que conta a extinção da raça, no estudo preliminar assinado por Íber H. Verdugo, assim está escrito:

*La extinción de estos hombres de América, por la presencia de otros hombres que traían junto a la cruz de Cristo, el exterminio de una raza.*

E no Livro Terceiro, Canto VI, o poeta escreve:

*Sobre el sayal dei monge,*

*dei charrua quedó la primer lágrima...*

*Para llorar, la moribunda estirpe*

*Una pupila azul necesitaba!*

Pela cruz e pela espada, o charrua dos campos do Uruguai foi extinto.

Quanto ao destino dos minuanos, que haviam se juntado na Confederação dos Güenoas “reunindo a maior parte das parcialidades dos jarós, mboanes, charruas e minuanos”,



escreve Aurélio Porto, citado por Luiz Carlos Barbosa Lessa, em São Miguel da Humanidade:

*“Tinha o exército missioneiro a vantagem de armas de fogo, com que pôde dominar e vencer os infiéis” (idem). Do lado cristão houve muitos feridos e doze mortes. Mas as crônicas não precisam quantos índios infiéis desapareceram, seja no combate principal ou seja nos cinco dias subsequêntes, de perseguição aos sobreviventes que ainda resistiam nas matarias: referem apenas que “foi consumida a maior parte ” ou “que os infiéis em sua maior parte foram mortos”.*

Isto ocorreu em 06.02.1702, e ficou conhecido na História como a batalha do rio Ji. Em 1706, o padre Superior das Missões, Salvador de Rojas, resolveu “organizar um novo exército para exterminar definitivamente esse inimigo cruel dos tapes. (Idem)

*“Em 14 de fevereiro de 1708 o Pe. Herrán comunicava ao provincial a exterminação completa de todos os Güenoas e afins, de que morreram a maior parte, ficando muitos prisioneiros. Por essa vitória mandou o Provincial se rezassem solenes Te Deum laudamus em todos os Povos. (Op. cit. 2a Parte, p. 46) (S. Miguel da Humanidade, Lessa).*

Quanto à parcialidade guarani, do território uruguaio, vejamos o que ocorreu.

*D. Frutuoso Rivera, por ocasião da invasão na região missioneira, convenceu os remanescentes a se mudarem para o Uruguai. “Os Corregedores, Tenentes-de-Corregedores e Caciques dos Sete Povos das Missões Orientais, com a decidida intenção de trasladar, reincorporar e estabelecer os Sete Povos no território do Estado Oriental, e tendo obtido do Ex. Sr. General em Chefe D. Frutuoso Rivera...etc.(Lessa, obra já citada).*

Uma vez no território do Estado Oriental, o mesmo Rivera, eleito o primeiro Presidente em 1830, desinteressou-se



dessa parcialidade índia, e mandou o exército matá-la. A ordem foi executada.

Na Argentina, vejamos o que ocorreu com a primeira cavalaria gaúcha. Emílio Coni, usando documentos históricos, desfaz as obras literárias elogiando a cavalaria gaúcha argentina. Escreve:

*Para Tiscórnica, fué Puerredón quien en 1806 congrego a los gauchos para oponerlos a los invasores ingleses.*

E mais adiante, citando o relatório oficial da batalha escrito pelo comandante Puerredón:

“Todos, señor, huyeron, y nos tomó ei enemigo la artillería y provisiones, pero yo conservé mi presa, o sea, carro de municiones.”

Este é o resumo da primeira cavalaria de gaúchos argentinos, em combate, que mui mal e tardiamente entram para a História.

O interessante é que Carlos Alberto Leguizamón, em ESTÚDIO PRELIMINAR DE MARTIN FIERRO, Séptima Edición mayo de 1965, no subtítulo EL TIPO RACIAL, (do gaúcho) assim escreve:

*No hay mucho acuerdo con respecto a su ascendência, aunque por general se admite su origen espanolpuro; pero no faltan historiadores que senalen su procedência mestiza, y otro como Guillermo Hudson, que hagan referencias a grupos de gaúchos irlandeses o descendientes de ingleses...*

*Al margen de tan respetables opiniones, nos inclinamos a aceptar el origen mestizo dei gaucho, apoyado en testimonio irrefutable de Álvaro Barros, que pasó mas de veinte anos en la frontera. Escribe: “El índio espantado huyó a refugiarse en el desierto, y la mujer índia quedó esclava dei conquistador. En su solitaria libertad concibió aquél la idea de una injusta represália,*



*invadióy se llevó cautiva a la mujer dei hombre civilizado. La mujer dei índio dió a luz al “gaucho” en la ciudad, y el gaúcho nasció también de la mujer cristiana en el desierto.”*

Fernando Assunção, escritor uruguaio que na atualidade mais se dedica à pesquisa do gaúcho, no 1º. Seminário, sustentou que o gaúcho não tem nem fenótipo nem genótipo definido. Sustentou que o gaúcho era composto de um grupamento social onde havia homens e mulheres de todas as nacionalidades que por aqui aportaram e foram viver à gaúcha. No caso das mulheres, ou raptadas ou vindas com os marujos, ou que se estabeleceram nas pulperias. Entre essas nacionalidades, também o mestiço distanciado da origem, o preto e índios.

Naturalmente, após a independência do Estado Oriental do Uruguai, não havia mais como continuar a formação da mestiçagem pela falta de índios. Antes, nos campos da atual República do Uruguai, vicejou o gaúcho em torno da colônia portuguesa, à margem do Prata, em frente à Buenos Aires, a Colônia do Santíssimo Sacramento, - **que é a célula geratriz da República do Uruguai (A. F. de Oliveira Freitas)** - no território que mais tarde foi trocado pela atual região missioneira do Rio Grande do Sul. Com a retirada dos portugueses da margem esquerda do Rio da Prata e a matança dos índios, a mestiçagem começa a se extinguir. Permanecem os mestiços cruzando-se entre si até os dias atuais.



## A GENÉTICA

Não há nada mais fixo no ser vivo do que a genética. A fita gravada que é o nosso DNA (ácido desoxirribonucleico), traz todas as “informações nos seus chips, que são os genes dos nossos cromossomos.

Ao iniciar-se a década de 90, os cientistas começaram a mapear os nossos genes, pensando que em 50 anos o homem poderia determinar com absoluta precisão o aspecto físico, as aptidões e todas as doenças genéticas que um futuro ser teria. Existem mais de quatro mil doenças genéticas, e este é o objetivo da Medicina. Com o aperfeiçoamento da técnica, até o ano dois mil o GENÓTIPO humano estará totalmente mapeado. Serão necessárias muitas décadas, talvez um século, para se determinar a função de cada gene. Nesse momento, deixar-se-á de discutir a inteligência e começar-se-á a discutir o conceito de aptidão. O ser vivo, geneticamente é apto para isto ou para aquilo.

Assim: uma vaca holandesa terá sempre as mesmas aptidões, onde quer que ela nasça. Onde houve um índio de aptidão guerreira e cavaleira, cruzado com um português, gerou um ser semelhante em aptidões. O jagunço, vaqueiro extraordinário, homem de coragem ilimitada, habita a mais vasta região do Brasil: nordeste, mais parte da Baía e de Minas Gerais. Quanto orgulho tem o Espírito Santo dos seus guerreiros mestiços capixabas; os rio-grandenses do norte, dos potiguaras, e, semelhantemente, todos os estados. Ser gaúcho brasileiro é um estado de espírito herdado ou adquirido do mestiço brasileiro: guerreiros da liberdade!

Qualquer antropólogo, indigenista ou viajante ilustre, dá-nos, do mestiço brasileiro, praticamente a mesma descrição física: tórax amplo e forte, quadris estreitos, pés pequenos, mãos delicadas. Couto de Magalhães afirmou que só olhos



experimentados podiam distinguir o vaqueiro do Mato Grosso, do Paraná, do R.G. do Sul e das repúblicas do Prata.



O segundo fator fundamental para a formação do ser vivo é a alimentação. Voltemos à vaca holandesa.

A vaca dá cria duas terneiras gêmeas idênticas, isto é, mesma cópia genética. Uma se cria nos campos de Itaroquém, livre, mamando de todo o leite. A outra é mandada para um campo árido do Brasil, e é, evidentemente, criada guacha. A desmamada ao nascer e criada em campo árido, certamente nem para cria presta. Morre ao dar cria. A má alimentação diminui todas as proporções físicas do ser vivo, animais e plantas. A que ficou em Itaroquém, vai para a exposição...

E não é só isso. O “campo ruim” diminui também a inteligência e à aptidão. A terneirinha guacha tornou-se pequena, burra e incapaz (inepta). Além de míope e com tendências assassinas, degenerações estas não notadas nos animais, que não lêem nem desempenham funções complexas, mas hoje bem determinadas no homem.



## **Estes dois fenômenos se passam assim:**

O ser humano nasce com reduzido número de células destinadas à inteligência. Estas células se multiplicam rapidamente até o quarto mês de vida. A partir do quarto mês a multiplicação decresce até cessar aos quatro anos de idade, genericamente. Se não houver ingestão suficiente de proteínas de alto valor biológico, de leite GORDO (o leite materno fornece 50% das calorias necessárias ao recém-nascido, em gorduras insaturadas) e de carne GORDA, as células da inteligência não podem se multiplicar, e a inteligência fica irremediavelmente prejudicada.

Não adianta mais trato para a terneira guacha depois que cessa a fase de multiplicação celular. O ciclo está encerrado, fim!

Bueno, então é só pegar esses leites desnatados e semidesnatados, subprodutos da indústria de laticínios, de baixíssimo custo, carne seca e peixe seco, farinhas de milho, de mandioca, mais rapadura e distribuir a vontade. Taí uma dieta rica em proteínas e em hidratos de carbono, supondo-se que vitaminas e sais minerais são facilmente ministrados em comprimidos ou diluídos em líquidos. Garantida a multiplicação das células, o fornecimento de energia, e de vitaminas e sais minerais, está resolvido o problema.

Não!

Esta criança assim criada terá os seguintes problemas:

BAIXA ESTATURA

CRESCIMENTO DEFICIENTE

IMUNIDADE DIMINUÍDA

DIMINUIÇÃO DO DESEMPENHO



## DIMINUIÇÃO DA CAPACIDADE DE APRENDER

### DIMINUIÇÃO DA ACUIDADE VISUAL

Na juventude, aumenta a mortalidade por:

Acidentes

Suicídio

Homicídio

Outras causas ligadas à violência.

Na velhice, aumenta a incidência dos vários tipos de câncer; também é apontado um alto índice de “derrames” cerebrais.

Estas desgraças todas ocorrem em todas as populações com alimentação deficiente em gorduras insaturadas. São os ácidos graxos mono e poliinsaturados que determinam o comportamento humano. São eles que garantem o bom desempenho das células dos seres vivos. Campo magro, diz o fazendeiro, pasto ruim. A terra é gorda, diz o agricultor. Carne magra? Não hay quem coma, diz o gaúcho. Bebo graxa de picanha, diz o nosso pajador maior. Sarou com graxa de capivara, diz o curandeiro de campanha. Nem sabem o porquê. É a voz imemorial da sabedoria popular..

Esta parte da alimentação determinante da estatura, comportamento, capacidade de executar funções complexas e de aprendizagem é que está sendo estudada na Antropologia da Alimentação. A partir dos estudos publicados pelas universidades norte-americanas em 1992, estuda-se, intensamente, o papel dos ácidos graxos na formação do comportamento, no envelhecimento e como economizadores de proteínas. Estudos que contrariam quase tudo o que se dizia antes sobre as gorduras. Não confundir “graxas” com sebos,



estes, gorduras saturadas. As gorduras contidas no leite de vaca não satisfazem as necessidades humanas.

A genética forneceu ao mestiço a aptidão guerreira e cavaleira; a proteína de alto valor biológico, o número pleno de células cerebrais para o desenvolvimento mental; as gorduras insaturadas, o comportamento equilibrado; o meio físico e social, o desenvolvimento pleno das aptidões genéticas herdadas.

No nordeste brasileiro é onde percebemos a maior degeneração alimentar do mestiço. O fato social está retratado por Portinari em OS RETIRANTES. Em São Paulo, com o desaparecimento da abundância de carnes gordas e do toucinho aos caipiras (ex-bandeirantes), e a substituição pela canjica, pamonha, cuscuz, cana-de-açúcar e farinha de mandioca o mestiço involuiu para ser o PIOLHO DA TERRA e o JECA TATU, retratados por Monteiro Lobato.

O mestiço denominado gaúcho continua comendo quase que só carne gorda, em toda a região de criação de gados, que é a região dele mesmo. Não sofreu degeneração antropológica de origem alimentar. Até os dias de hoje, o peão das imensas estâncias da fronteira levanta-se ao amanhecer. Toma mate e come carne gorda. Vai camperear levando embaixo dos pelegos um pedaço de carne gorda assada, que será o seu almoço. Ao cair da tarde, retorna à sede da estância, toma mate, come carne gorda assada e vai dormir. O médico e cientista da alimentação, o argentino Escudero, afirma que não há alimento mais saudável do que a carne ASSADA. (Alimentação Fisiológica da Criança do Nascimento aos Doze Anos, Rinaldo De Lamare)

O gaúcho brasileiro não é um ser mitológico, não é uma criação poético-literária de homens cultos da cidade. Suas aptidões como homem não são discutidas, nem contestadas por nenhum dos nossos historiadores. Foi perfeitamente identificado pelos viajantes da época, e por eles admirado. O



valor guerreiro do gaúcho brasileiro foi confirmado em todas as lutas internas e externas, durante toda a formação das nossas fronteiras. E incontestável. Até hoje não há acusação pejorativa contra ele. O valor do gaúcho brasileiro foi testemunhado por um período de três séculos. Este é o homem que hoje pára o Rio Grande do Sul no dia 20 de setembro, e a quem prestamos culto tradicional.

O europeu que veio para cá, de qualquer nacionalidade, hoje se orgulha da herança cultural gaúcha que recebe, e, juntamente com os de sangue luso e mestiço, presta homenagem a este tipo humano incomum que moldou o nosso caráter. Chusmas de malfeitores vagando pelos campos não são citados pelos pesquisadores, e, se houveram, pertenceram a essas minorias de marginais que existem em todas as sociedades.

A estátua erguida à entrada de Porto Alegre não está lá para homenagear as “gavillas” litorâneas, os fugitivos da justiça, os desertores das forças armadas e dos navios, nem os contrabandistas. Na minha opinião, só é contrabandista quem está burlando, conscientemente, a lei de governos constituídos; só é ladrão quem rouba das coisas dos outros. O mestiço criado ao seio da índia não tinha governo constituído aos moldes europeus, não conhecia a propriedade privada, não conhecia fronteiras. O pampa, com tudo o que nele existe, lhe pertencia de direito natural. E é por isso que eu parto do princípio de que o gaúcho, que nós tradicionalistas cultuamos, é o filho do homem europeu com a índia. Todo o mestiço, e de qualquer raça, educado em família européia, terá uma MENTALIDADE EUROPEIA.



## O HOMEM

Não discuto o grupamento ao qual as autoridades denominaram gaúcho, mas sim uma genética impulsionada pela Antropologia da Alimentação. No Brasil, o tipo físico, sempre foi identificado como o mestiço, cruza do europeu com a índia. E o mestiço foi vaqueiro por excelência não só no Brasil, mas nos demais países onde houve vacarias. O que o diferenciou foi no aproveitamento comercial do gado, onde todos participaram, mas só os que tinham *mentalidade* européia, o que inclui noção de propriedade e de multiplicação de dinheiro, tiraram proveito, no sentido do acúmulo de riqueza e de previsão do futuro. O mestiço, criado ao seio da índia e vagando nos campos, não tinha essa *mentalidade*, daí ter participado de um processo econômico que durou um século, e apenas ter satisfeito suas necessidades mínimas.

Por outro lado, levava a mesma vida que levam ainda hoje as populações brasileiras que vivem em regiões de produção primária, por safras: períodos de trabalho intenso e períodos de trabalho algum.

O gaúcho, sem a mentalidade de propriedade, apenas usufruiu do fruto da terra como um caçador, porque o gado, na época, era uma caça *nas visões do mundo* que o cercava. Em tal inércia permaneceu a *estrutura mental* do gaúcho que ele não conseguiu rompê-la, e continuou fazendo arreadas de milhares de cabeça de gado sem exigir qualquer pagamento, mesmo vendo o proveito que outros delas tiravam. O gaúcho primitivo das vacarias da Colônia do Sacramento não chegou a ter *consciência* de trabalho.

Sob o ponto de vista social, o gaúcho ignorava os rituais da nossa sociedade: nascimento, procriação, morte e ressurreição.



No homem de Neandertal, desde 150 mil anos antes de Cristo, nós conhecemos os rituais da morte e da ressurreição; sabemos que ele colocava alimentos e armas nas sepulturas. E, que após a decomposição da carne, exumava os ossos e os pintava de vermelho para que deles o espírito maligno não se apossasse. Desse fato, deduz-se que o neandertalense tinha ascendente, família e descendentes com todos os ritos sociais e espirituais.

A religiosidade pressupõe vida sedentária em grupos sociais, com famílias estáveis, e orientadores espirituais permanentes. O tipo social gaúcho matriz não constituiu família. A memória popular guardou-o com a china na garupa, e a história confirma. Não havia maiores cuidados nem com a china nem com o filho. Os grupamentos familiares mestiços e índios da época recolhiam em seus toldos as chinas grávidas e criavam os filhos delas: outros gaúchos. Viviam como manda Jesus: O pão nosso de cada dia nos dai hoje. As sociedades que estão entrando na era pós-industrial entregam os recém nascidos às creches, a criança à escola, e o adolescente sai para o College, daí para a Universidade de onde não mais retorna ao núcleo familiar. A Inglaterra há muito que assume a mulher grávida dando-lhe todo o amparo e criando-lhe o filho. É a sociedade inglesa acolhendo a gestante e educando-lhe o filho, sem qualquer ônus ao pai, e liberando a mãe, como acontecia com os gaúchos.

Quanto à literatura não há nada que possa ser atribuído ao gaúcho matriz. Ele pertence a essa massa que não chega a dar expressão *individual literária*, por menor que seja. Diante de citação de que cantavam versos de amor que tiravam de suas cabeças, podemos deduzir que cantavam os versos de amor vindos da península Ibérica, ou ao molde desses. Os versos da península Ibérica, bem com os “contos do povo”, como a Princesa Magalona, Roberto do Diabo, a Donzela Teodora, a Imperatriz Porcina e Roberto Calais escritos em espanhol, porque Portugal ainda era bilíngüe, encantou todas as américas



latinas, trazidos que foram no bojo das naus, aos milhares, e transmitidos oralmente até gerações ainda vivas, segundo pesquisas de Câmara Cascudo. (Centro-oeste, Nordeste e Norte)

Quanto à escultura, a ele nada se atribui. Nem sequer um totem, o que demonstra a falta de religiosidade. Sem fé nem lei, nem rei.

Parece que a única criatividade que nos vêm do índio e largamente usada na lida campeira pelo gaúcho primitivo, foi a boleadeira. A boleadeira é uma arma de caça e de campo.

Luiz da Câmara Cascudo, em **Civilização e Cultura**, escreve:

*O esquimó a emprega também atirando-a contra aves, tal qualmente John Luckock vira no Rio Grande do Sul. Em Solo, Ngandong, Trinil, Java e em Saldanha, ao norte de Cape Town, na África do Sul, em plenopleistoceno, **on a trouve des bailes rauds, en pierre, q'on croi être de "bolas"**.*

E as tranças? *Do couro sai a correia...* esta é a memória popular. O couro trançado é uma característica gaúcha ou é comum aos povos pastores? Sabemos que o índio é exímio trançador, e que a trança é universal, mas sempre há uma herança cultural.

Nicolau Dreys descreve o capricho com que o homem campeiro do Rio Grande do Sul orna o cavalo. E menciona que o gaúcho fazia seus próprios aperos. Estes eram toscos. Mas, referindo-se às tranças, diz que **alguns curiosos sabem mesmo urdir com elas, com gosto e paciência, cabos de chicotes e rebenques: obra de esquisita delicadeza, mormente quando está mesclada de fragmentos de penas de avestruz.**

A evolução do homem foi muito lenta. Somente a geração que nos antecedeu, e a nossa, é que serviu-se da eletricidade,



inventou o motor a explosão, passou pela fissuração do átomo e chegou ao chips. Isto tudo em menos de 100 anos.

**As visões do mundo** do gaúcho limitaram-se ao vasto horizonte que constituiu o seu mundo, dele.

*“ só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais...”*

Embora a mais antiga referência à cavalaria seja a da passagem bíblica do mar Vermelho, onde cavalo e cavaleiros foram tragados pelo mar, a aparição da ferradura é do século X. Antes do sec. X era impossível a cavalaria, porque o casco do cavalo não agüenta as pedras. O estribo é outra invenção tardia. É coisa recente. Após a invenção do estribo pelos normandos e usado pela vez primeira na batalha de Hastings contra os ingleses, é que surgiu a cavalaria na Europa. O ciclo das cavalarias, como arma de guerra e dos cavaleiros como distinção social, política e de lazer, surge a partir dessa batalha. Os Cavaleiros da Távola Redonda e demais mitos da cavalaria surgiram após a descoberta do estribo. O domínio do estribo encerra-se na batalha de Azincourt, magistralmente descrita por Shakespeare. Em Azincourt, a cavalaria francesa foi derrotada pelo arco galês, usado pelos soldados ingleses. Foi a maior derrota sofrida pelos franceses em todos os tempos.

O índio não chegou ao uso do estribo. O gaúcho usou dos estribos vindos da Inglaterra e dos feitos a mão por eles mesmos, de madeira e de couro.

O cavalo nunca pôde ser usado como animal de tração pela inconveniência da atrelagem. Nas pequenas carruagens assírias, romanas, macedônias, gregas etc. usavam uma “coleira” que enforcava o cavalo. Notem-se as bigas romanas que vemos nos cinemas, Ben Hur, por exemplo. Todas as gravuras da antigüidade atestam o uso das “coleiras”. Os franceses a denominavam de “colier”, e era uma tira de couro flexível envolvendo o pescoço do animal. Modificada pela introdução



da madeira acolchoada e do ferro, a coalheira (colier) é usada por nossos carroceiros, em mulas. Em mulas, porque mula tem pouco encontro e tem cangote, e puxa de cabeça gacha, ao contrário do cavalo.

O pequeno cangote do burro permitiu que este animal fosse usado para tração com jugo, igual ao boi. A disposição anatômica do entroncamento do pescoço do cavalo não permite o jugo. Este é o motivo também porque a antigüidade não usou o cavalo no arado. Não sei de nada que indique que o gaúcho tenha usado o cavalo como animal de tração.

Em tempos remotos, o cavalo foi muito apreciado como iguaria. A carne dele era preferida porque é muito mais rica em hidratos de carbono. Foi após a cristianização dos alemães, que tinham o hábito de comer carne de cavalo, e dela fazer ofertas ao deus deles, é que a Igreja proibiu o uso da mesma. Mesmo assim, ainda é alimento regular na Europa e na Ásia. O Brasil é grande exportador. Aqui em Lagoa Vermelha há um frigorífico para abate de cavalos. O argentino Atahualpa Yupanqui deixou-nos belíssimo poema referente a compras de cavalos para o abate: **El Viejo Potro Tordillo**.

Após a criação da peiteira, recentíssima, é que o cavalo foi utilizado para tração. Assim mesmo, tração para pouco peso e curtas distâncias. O Cel. Berthier (Trapeiros de Mula), disse-me que as primeiras carroças chegadas à região serrana foram por ele trazidas. Contratou carroceiros poloneses, de Santa Catarina. Os descendentes ainda estão por aqui, segundo ele.

O gashlo, que permite a movimentação do eixo dianteiro, é do século X. Não li na literatura rio-grandense menção que o índio ou o gaúcho tenham feito uso da carroça.

A velha carreta de duas rodas, teimosa e persistente, continua prestando serviços. Zorras, trenós (sucessores da zorra), carretas, aranhas (sucessoras das bigas?), canoas, jangadas, “lombo” de homem, lombo de burros continuam em



largo uso no mundo, atestando que o passado não existe. Ele está sempre presente, em algum lugar.

O gaúcho foi cavaleiro. Só. Se mais tarde, em contato com o europeu, foi “obrigado” a usar a carreta, a velha carreta assinalada em uso na Mesopotâmia há 4.000 anos, o fez por absoluta necessidade.

**O Mário, meu irmão, assim sintetiza o homem campeiro:**

- Não quero homem campeiro na minha propriedade. Ele não planta um pé de mandioca, não cria uma galinha, não engorda um porco, não conserta uma cerca. O gado hoje é manso, qualquer piá toca-o para a mangueira.

A mentalidade persiste no biriva e no homem de campanha.

Aqui, na região da terra vermelha hoje coberta de milho, trigo e soja, o gaúcho cavaleiro e guerreiro por excelência não houve. E o homem campeiro não tem mais função.

Foi extinto pelos meios de produção. O que permanece é o caráter.



## O SANGUE LUSITANO

Vejamos em Nicolau Dreys a descrição do tipo físico dos filhos de Portugal agauchados pela vivência:

*O cavaleiro, que depois de ter enroscado as guascas, segurando uma das bolas na mão, imprime às outras um movimento de rotação por cima da cabeça e larga-as repentinamente pela tangente, pode à sua vontade lançar a morte ou o cativo, segundo se dirigir à cabeça ou aos pés da presa.*

*Ao jeito ou à destreza que se adquire por uma educação ginástica que principia, para assim dizer, com a vida, o Rio-grandense ajunta a força física, com que o dotou a natureza, e que conservam e aperfeiçoam seus hábitos locais e a salutar influência de seu clima. O homem do Rio Grande é geralmente alto, robusto, bem apessoado, e suas feições viris nada perdem por serem quase sempre acompanhadas de uma cor alva, que faz sobressair a preta cabeleira e o avermelhado das faces, assemelhando-se assim, à primeira vista, aos habitantes das regiões montuosas do centro da França.*

**Joseph Hörmeyer, em O Rio Grande do Sul de 1850, escreve:**

*O morador do campo, chamado campeiro, é menos culto, mais natural; mas também de estatura mais forte, bonita e ainda mais cortês do que o cidadão. Há entre eles figuras de forma e força hercúleas, contribuindo para isso, em grau muito alto, a alimenta- Çao e o modo de vida rude. Ele representa o caráter nacional propriamente dito, e quem ainda não viu a campanha e o campeiro, não conhece o Brasil. Criado no meio de seus rebanhos e vivendo quase que exclusivamente deles, o campeiro é um cavaleiro audaz, seguro e hábil, que sabe manejar de forma*



*excelente a espada e a lança, sendo sua arma mais terrível e companheiro inseparável o laço. O campeiro não conhece outra maneira de andar a não ser a cavalo.*



## O NEGRO

O negro teve um papel relevante na formação da *mentalidade* gaúcha, e ainda não devidamente salientado. Talvez isso tenha ocorrido porque, pelo Alvará de 1802, Portugal acabou com a distinção nas forças armadas entre brancos, pardos, negros forros, escravos e índios.

Não há orgulho maior no Rio Grande do Sul do que a Cavalaria Gaúcha, na luta corpo a corpo, olhando nos olhos do adversário. Minha lança, meu cavalo! O herói de dois mundos, Garibaldi, não viu nada igual à cavalaria gaúcha.

De agora em diante, passemos a palavra ao historiador Cláudio Moreira Bento, O NEGRO E DESCENDENTES NA SOCIEDADE DO RIO GRANDE DO SUL(1635-1975).

### **OS SOLDADOS NEGROS DE PINTO BANDEIRA:**

*Sob este título, o competente e preciso historiador Guilhermino César publicou artigo no Correio do Povo de Porto Alegre.*

*O assunto central prende-se à poesia de um sargento espanhol em 1778, relatando a conquista de Santa Catarina e de Colônia por D. Pedro Ceballos, Vice-Rei do Prata.*

*O sargento referiu em poesia, após chegar à Colônia:*

*“Alli nos desembarcamos  
Com sumo gusto y placer  
Como se dexa entender  
Según los sustos que passamos  
Mas apenas acampamos*





*Rafael e seus "negros valientes que el temor no conocian", que ajudaram a definir o destino brasileiro do Rio Grande do Sul na Guerra 1763-1777 (vide texto). (Alegoria com apoio em CESAR. Os negros de Pinto Bandeira).*

*Quando ya mi compania  
Com otras quatro tenia  
Ordem de salir corriendo  
Contra um fidalgo tremendo  
Que hurtar cavallos venia.*

*Pinto Bandeyra llamado  
Era em efecto este tal  
Fidalgo de Portugal  
Y era coronel graduado:*



*Lleva siempre a su lado  
Según voces diferentes  
Horror de negros valientes  
Que el miedo no conociam  
Mas por dios que no queriam  
Hacer-se nunca presentes.*

Hacer-se nunca presente significa *não queriam nunca oferecer combate convencional.*

*O fato de não oferecerem combate convencional era natural. Como guerrilheiros, levavam a efeito uma guerra de desgaste contra o inimigo, através, principalmente, de arreadas. Estas consistiam em tirar, dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, o gado cavalariço e vacum.*

O exército castelhano invadiu o Rio Grande do Sul com o objetivo de tomar Rio Pardo, Porto Alegre e prender os portugueses em São José do Norte contra as forças espanholas que haviam tomado a cidade de Rio Grande. Sobre o episódio, escreve o historiador Paulo Xavier, citado pelo já mencionado historiador Cláudio:

*-Já não aceito que a retirada de Vertiz y Salcedo de frente de Rio Pardo tenha sido por artilharia do coronel Marcelino de Figueiredo.*

*Mas, sim, uma vitória militar de Pinto Bandeira em Santa Bárbara, com a colaboração de seu HORROR DE NEGROS VALIENTES QUE EL TEMOR NO CONOCIAM. Negros que nesta batalha ajudaram lançar a sorte de um Rio Grande do Sul Brasileiro.*

*“Nunca tantos deveram tanto a tão poucos”*



Ferreupilha: Segundo um quadro existente no Museu de Bolonha, Itália.



*Farroupilha, segundo quadro existente no Museu de Bolonha Itália. Representa um os célebres lanceiros negros farroupilhas que acompanharam Garibaldi e Rosseti no retorno de Santa Catarina, após o malogro da República Juliana, {fonte: Atlas Histórico e Geográfico do MEC).*

Hoje, são milhões de filhos do Rio Grande do Sul que devem muito, mas muito mesmo, à obra épica realizada pelos bravos guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira e de Cipriano Cardoso, que não chegaram a numerar 100 homens. Decorridos 200 anos do decisivo combate de Santa Bárbara, esquecemos de tipos de homens assim definidos pelo governador do Rio Grande de então:

“HOMENS PRETOS, BRANCOS E MULATOS DO QUE HÁ DE PIOR NAQUELA CAPITANIA ” e lembremos somente da grande repercussão, hoje, de suas magníficas obras militares para milhões de gaúchos brasileiros e 100 milhões de brasileiros. (Obs. dados de 1976).

### **E continua o historiador Cláudio Moreira Bento:**

*Ficaram célebres os **Corpos de Lanceiros Negros Farroupilhas**, principalmente o comandado pelo intrépido Joaquim Teixeira Nunes, o “Coronel Gavião”, reconhecido pelo General Tasso Fragoso, “o pai da História do Exército Brasileiro”, “como a maior lança farrapa e o Bravo dos bravos de Porongos”.*

#### *Organização dos corpos de lanceiros negros:*

*Os dois corpos de lanceiros negros eram constituídos, basicamente, de negros livres ou de libertos pela República Rio-Grandense, enquadrados por valorosos oficiais brancos.*

*Possuíam 8 companhias a 51 homens cada, totalizando 426 lanceiros.*

Vejamos o que aconteceu no combate de Seival, após o qual Souza Neto proclamou a República Rio-Grandense:



*Participaram do combate de Seival, 430 homens, e o efetivo de um Corpo de Lanceiros Negros era de 426 homens a oito companhias.*

Vejamos a descrição destes lanceiros:

*Como lanceiros não fizeram uso de escudos de proteção, tão comum na História Militar dos povos.*

*Os seus grosseiros ponchos de lã — bicharás - serviam-lhes de cama, cobertor e proteção ao frio e à chuva.*



*Ten. Cel. Joaquim Teixeira Nunes e seu Corpo de Lanceiros Negros. Seus membros conquistaram a Liberdade, lutando pela República Rio-Grandense nos campos de batalha. O Império respeitou suas liberdades pela cláusula TV da Paz de Ponche Verde. “São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram à República”. (Fonte: CDOCEX-Arquivo Iconográfico-estudo).*



Quando em combate a cavalo, enrolado no braço esquerdo, o poncho servia-lhes para amortecer ou desviar um lançaço ou um golpe de espada.

No corpo a corpo desmontado, serviam para aparar ou desviar um golpe de adaga, em cuja esgrima eram habilíssimos, em decorrência da prática continuada do **jogo do talho, nome dado pelo gaúcho à esgrima simulada com faca, adaga ou facão.**

Eram habilíssimos no uso das boleadeiras como arma de guerra, principalmente para abater o inimigo longe do alcance da lança, quer em fuga, quer manobrando para obter melhor posição tática.

Foi por certo lembrando Teixeira Nunes e seus bravos lanceiros negros, que o acompanharam na expedição de Laguna, que Garibaldi escreveu:

“Eu vi batalhas mais disputadas mas **NUNCA** e em nenhuma parte **HOMENS MAIS VALENTES NEM LANCEIROS MAIS BRILHANTES DO QUE OS DA CAVALARIA RIO-GRANDENSE**, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e a combater pela causa sagrada dos povos.

Esta frase de Garibaldi está plenamente confirmada na batalha de Porongos. Vejamos:

### **LANCEIROS NEGROS SALVARAM A REVOLUÇÃO**

Na surpresa de Porongos, em 14 de novembro de 1844, os Lanceiros Negros de Teixeira Nunes salvaram a revolução Farroupilha do desastre total.

Pelo modo como combateram, salvaram Canabarro, grande parte das tropas e tornaram possível a negociação de uma paz honrosa como foi a de Poncho Verde, e a liberdade para todos os negros e mulatos que lutaram pela república.



*Ao final do combate, o campo de Batalha de Porongos ficou juncado de 100 mortos farroupilhas.*

*Dentre eles, 80 eram dos bravos lanceiros negros de Teixeira Nunes.*

*Assim escreveu Canabarro Reichardt sobre a surpresa de Porongos:*

*“A situação é terrível. Os farrapos, passados os primeiros momentos de estupor, cobram ânimo e dispõem-se a morrer lutando. Teixeira o Bravo dos bravos, cujo denodo assombrou um dia o próprio Garibaldi, reúne os seus lanceiros negros.*

*O 4º Regimento de linha e alguns esquadrões afrouxam, mas os imperiais se multiplicam, surgem de todos os pontos.*

*Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada é também repelida.*

*É este o sinal da debandada geral.*

*Em vão os chefes chamam os soldados ao dever, dando-lhes o exemplo.*

*Nada os contém e o exército, como por encanto, se dissolve, arrastando consigo ainda os que querem lutar.*

*Apenas alguns grupos mantêm-se resistindo e neles o combate se trava a arma branca.*

*Tombam os lanceiros negros de Teixeira, brigando um contra vinte, num esforço incomparável de heroísmo.*

**Quanto à atitude do negro, agora, gaúcho negro, é assim descrita:**

*A fisionomia não tem a malícia e a malignidade como é comum nas regiões mais setentrionais do Brasil.*

*É franca, aberta, sem falsidade nem reserva, nem se nota*



*a mentalidade de escravos, substituída que é, por uma certa enérgica consciência própria. (O negro e a sociedade gaúcha, visto pelo alemão Carlos Seidler.)*

*Note-se que o alemão captou, com muita felicidade, no negro do Rio Grande do Sul, a MENTALIDADE gaúcha.*

*Não devemos esquecer que “o alemão vindo para o Rio Grande, não podia, por força de lei, possuir escravos africanos. Modificar-se-ia a conduta do alemão diante do negro? Quais as consequências, se houvesse africanos nas colônias? Ninguém o sabe dizer, nem mesmo prever. Não devemos culpar o português por tudo o que houve de mau no Brasil. Portugal com um milhão de habitantes como colonizaria o Brasil sem a importação do braço escravo? Aliás a escravidão era um instituto jurídico que vigorava na própria África, desde os tempos remotos da civilização egípcia e cartaginesa (Dante de Laytano). Esta observação é válida para os demais imigrantes.*

Continua o professor em OS PORTUGUESES:

*“Coube, por outro lado, ao português quebrar os limites das fronteiras raciais, ser um povo sábio no colonizar e Gilberto Freyre insiste muito sobre o que tem de humano, cristão e civilizador a miscigenação entre brancos e negros, obra de raro valor, até mesmo antropológico.*





## O GAÚCHO BRASILEIRO

Tipo Humano - O general Couto de Magalhães deixou-nos a seguinte descrição:

*“Quem assiste pela primeira vez as curiosas feiras de Sorocaba, ao passo que vir chegarem as grandes tropas de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande, do estado Oriental e das outras repúblicas do Rio da Prata, ficará surpreso da estranha conformidade que há de notar no tipo de vaqueiro. Aqueles homens, de longos cabelos pretos, tez bronzada, cara quase sem barba, grande caixa torácica, cabeça, pés e mãos pequenos, parecem todos irmãos e antes mesmo membros da mesma família do que povos de regiões e às vezes até de língua diversa. O caipira de São Paulo ou Paraná, o caboré de Mato Grosso ou Goiás, o gaúcho de São Pedro ou das Repúblicas do Prata, tem aproximadamente os mesmos traços, e estes tão característicos que é impossível aos olhos menos exercitados fixá-los com alguma atenção sem reconhecer neles a mesma raça.*

### **Avê-Lallemant nos dá a seguinte descrição:**

*“Apareceram então algumas pessoas. Primeiramente um negro forro, com sua mulher preta, ambos a cavalo, como todos os outros que vieram depois. Em seguida um velho brasileiro, de simplicidade e modéstia quase infantis; depois dois mestiços de índios, um par impressionante, ambos altos e vigorosos, de cabelos longos, espessos e negros, barba crespa, perfeitas fisionomias de índios, mas atrevidos, com pequenos ponchos e grandes esporas. Comportavam-se com desembaraço, mesmo atrevimento, e insultaram o brasileiro até que ele se esgueirou. Realmente horrorosos os dois homens verdadeiros bandidos, que por isso mesmo me interessavam. Davam-me a impressão de fantásticos centauros, que tivessem amarrado seus corpos de cavalo a porta. Fizeram ruído até 1 hora. Depois saíram trotando, e ainda de longe lhes ouvia o riso relinchado”.*



O mesmo autor, chegando à região missioneira, novamente descreve o gaúcho:

*“Da colina desceram, galopando, alguns cavaleiros.*

*Dois deles pareciam animais selvagens, mestiços de índio, robustos, rosto atrevido e de barba crespa.*

*Toda a aparência lhe traía a mesquinhez, mas também uma certa originalidade.*

*Da cinta pendia-lhes a longa faca, que, para eles, é tudo: o objeto predileto, seu ídolo, na verdade, o cris destes fronteiriços que eu poderia chamar Os cossacos do Rio Grande.*

*Afiam a boa e elástica lâmina na soleira da porta e experimentam-lhe o fio com os dedos, como se fossem um quadro de Salvador Rosa.*

*Enormes, como entre todos esses gaúchos-cossacos, as suas esporas.*

*Tais monstregos pesam cerca de meia libra. As rosetas medem até quatro polegadas de diâmetro e retinem no chão durante a marcha a pé.*

*Quase poderia compará-las à uma espécie de bicicleta em que passeiam esses cavaleiros da aventura.*

*Entrementem ficaram os cavalos arquejando diante da porta, carregados com a complicada sela e demais trastes.*

*Pois estes tártaros do rio Uruguai não têm casa. Levam vida nômade.*

*Acompanhavam-nos um jovem índio barrigudo e um negro.*

*Compraram um bocado de pão e de mate.*

*Depois tudo foi metido num alforje, que o jovem índio*



*carregou timidamente, atrás do semi-selvagem, pois estes semi-animais são nobres em relação aos índios puro-sangue.*

*São genuínos cavaleiros, que vivem na sela, e por isso não podem ter residência fixa.*

*Insolência, atrevimento, e expressões vulgares são as suas canções de trovador e o tinido das esporas o seu tanger de guitarra.*

*São realmente típicos estes “gaviões”, como são chamados, e do alto de minha pilha de madeira, divertia-me observando os atrevidos fronteiriços.*

*Foi-se o grupo num galope louco e a poeira encobriu os animais.*

Nicolau Dreys percorreu o Rio Grande do Sul de 1818 a 1827, como viajante comercial. Vamos transcrever o que o ilustrado viajante viu:

*Os gaúchos parecem pertencer a uma sociedade agyne, como dizia Algarotti, que viviam de seu tempo os tártaros zaparajos; pelo menos os gaúchos aparecem geralmente sem mulheres e manifestam mesmo pouco atração por elas, felizmente para seus vizinhos, a quem sua multiplicação, acompanhada de desejos tumultuosos, poderia causar desassossego; formado originariamente do contato da raça branca com a indígena, eles se recrutam incessantemente dos mesmos produtos, e ainda de todos os indivíduos que nessas imediações nascem, sem ordem e sem destino, com o gosto tão geral de uma vida fácil e de perfeita liberdade.*

*Sem chefes, sem lei, sem polícia, os gaúchos não têm da moral social senão as idéias vulgares, e sobretudo uma sorte de probidade condicional que os leva a respeitar a propriedade de quem lhe faz benefício ou de quem os emprega ou neles deposita confiança: entregues ao jogo com furor, esse vício, que parecem*



*praticar como um meio de encher o vácuo de seus dias, é a fonte dos roubos e às vezes das mortes que cometem.*

*Joga o gaúcho tudo o que possui, dinheiro, cavalo, armas, vestidos e sai do jogo inteiramente ou quase nu; nessa posição é que o gaúcho se torna temível, pois que, perdendo tudo o que tem, não perde ainda o desejo de desafiar outra vez a fortuna, nem a esperança de achá-la menos cruel; e por mais temível que se torne nesse estado, não de desesperação, mas de profunda mágoa, os movimentos interiores do gaúcho escapam aos olhos do observador; nunca se altera nele aquela superfície de impassibilidade que faz a parte mais saliente do seu caráter; ele diverte-se, sofre, mata e morre com o mesmo sangue frio.*

*Geralmente, jogar cartas e fumar cigarros são os gostos dominantes do gaúcho; para jogar, no primeiro lugar que se encontra, ffiesmo no meio do campo, o gaúcho estende no chão o seu chiripá, o qual serve para receber as cartas, enquanto a faca resta fincada em terra ao lado direito de cada um dos concorrentes, para estarem prontos a qualquer acontecimento ou dúvida que possa ocorrer.*

*Quanto ao mais, pouca propensão parecem ter para os licores espirituosos, e a embriaguês é quase nunca aparecida entre esses homens cujas disposições taciturnas e apáticas pouco se conciliam com a loquacidade e movimentos desordenados da bebedice.*

*O Provedor Aleixo Maria Caetano apresentava a D. João, em 1803, o povo gaúcho como sendo feito de homens absolutos, sem obediência, e que olhavam com maus olhos todas as imposições dos soberanos.*

### **O uruguaio André Vidart, assim sintetiza o gaúcho:**

*Era um anarquista a su modo, pero también configuraba un pradigma de plenitud humana.*





## O SOLDADO

D. Bartolomé Mitre, mais intelectual que militar, advogado, jornalista, ex-exilado político durante a ditadura de Rosas, era o comandante em chefe das forças armadas argentinas no conflito com o Paraguai, e participou com Flores, do Uruguai, e D. Pedro II, da retomada de Uruguaiana. O conde D'Eu apenas menciona os batalhões argentinos:

*Os batalhões argentinos, que vimos primeiro, são em número de 10, a saber, cinco de linha, um de voluntários, “Uma Legião Militar”, e trem de Guarda Nacional das províncias de Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes. Acham-se estes dois últimos em deplorável estado; mas os outros são magníficos. Os mais brilhantes são os denominados de Voluntários e a “Legião Militar”, quase inteiramente compostos de europeus.*

*Esta “Legião Militar”, que antes da guerra se empregava*

*contra os índios do sudoeste, é até comandada por um italiano, chamado Ciarlone.*

*Tanto esses dois batalhões como os de linha estão uniformizados completamente à francesa; os uniformes vêm já prontos da Europa;*

*Os demais batalhões tinham uniformes diferentes, mas na mesma linha de confecção. Chama a atenção a “Legião Militar” que era empregada “contra os índios do sudoeste.*

*As tropas uruguaiais estavam sob o comando de D. Venâncio Flores..., e tem passado toda a sua vida a guerrear, por uma causa ou por outra, nas margens do Prata, (c. D’Eu).*



*Pouco depois vinha Flores juntar-se a nós. Vinha sozinho, e mais feio, se é possível, que na antevéspera. Tinha trocado o quepe cor de amaranço por um chapéu de feltro preto muito pontiagudo, com uma estreita fita encarnada. Uma capa de borracha flutuante e aberta deixava ver um sobretudo pardo já gasto. Não trazia insígnias militares, nem mesmo espada ou sabre; vinha de galochas de borracha; sem botas, nem esporas,*



*nem presilhas, e quase se podia dizer que nem estribos, porque não se servia deles. Certamente com o intuito de abrigar os pés da chuva debaixo da capa (intuito que absolutamente não conseguia), trazia as pernas dobradas sobre a sela, de sorte que os pés lhe ficavam acima dos joelhos. E preciso um homem ter nascido um gaúcho para se segurar a cavalo em tão incômoda posição.*

### **DESCRIÇÃO DOS SOLDADOS:**

*Só fazem bom efeito as boinas encarnadas, semelhantes às dos bascos espanhóis, e as grandes barbas pretas. São homens de belo porte, mas têm caras de salteadores. O seu traje é o mais irregular possível. Há soldados que não têm calças... Vou explicar: trazem as pernas embrulhadas numa espécie de manta de lã, que toma neste caso o nome de chiripá.*

Sobre a revista passada por D. Pedro II à tropa comandada pelo veterano David Canabarro, herói farroupilha, o conde D'Eu deixa-nos a seguinte descrição:

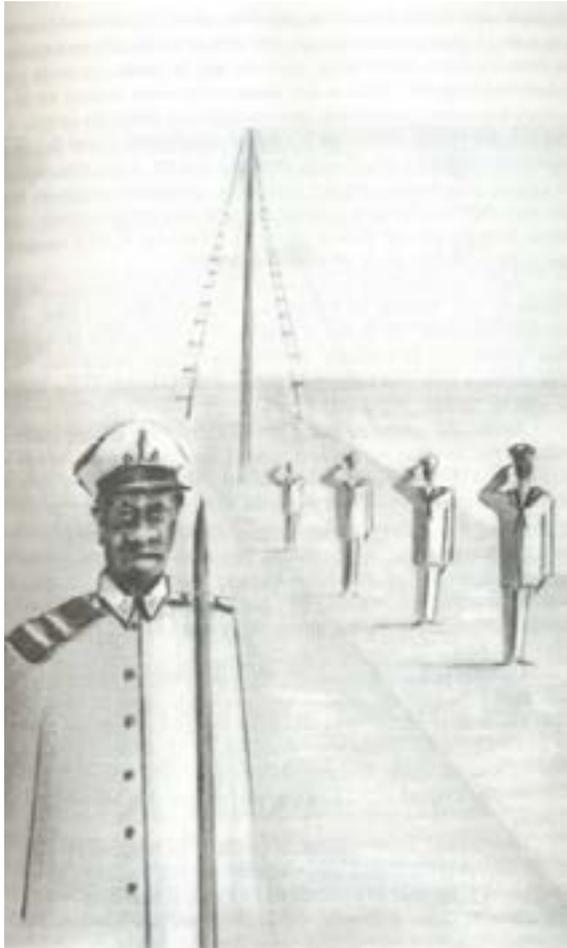
*O imperador empregou a tarde em passar revista à cavalaria do General Canabarro. Nesta, como na de Chico Pedro, há grande mistura; há esquadrões bem vestidos com boas fardas de pano azul, outros há que não têm uniforme algum. Também entre eles há chiripás e bicharás, como entre os orientais e os paraguaios. Nem mesmo a camisa é absolutamente obrigatória.*

### **Vejamos a descrição dos soldados paraguaios:**

*Há homens de raça branca, como os há de raça indígena; porém na maioria são de raça mestiça. (...) Há entre eles, como há entre nós, alguns que são ainda crianças; mas há muito maior proporção de velhos, de homens de barba grisalha. O que os distingue das nações civilizadas que lhes são vizinhas e os torna tão feios e tão ridículos é, em primeiro lugar, o seu andar; depois, sobretudo o seu traje. À exceção dos oficiais, não têm calçado, trazem as calças de brim e a blusa encarnada. Até aqui não há*



*nada que seja propriamente singular. Mas a isso juntam eles duas mantas de lã de cores variegadas: o bichará, que enrolam em volta do corpo, e o chiripá; em vez de enrolarem o chiripá nas pernas, como fazem os soldados orientais e brasileiros, de modo afazer deles uma espécie de calças, acham mais simples enrolá-los ao mesmo tempo em roda das duas pernas. Formam assim como uma saia perfeitamente cilíndrica, com franjas em toda a altura do tornozelo. E fácil imaginar que aspecto militar pode ter semelhante traje.*



Após a rendição de Uruguaiana, os soldados paraguaios prisioneiros, em número de 6.000, foram distribuídos 1/3 para cada exército vencedor. D. Pedro II destinou os prisioneiros paraguaios para construção de estradas; D. Venâncio Flores incorporou-os às suas tropas, e com eles continuou guerreando. O conde D'Eu, confuso com tal atitude, registrou:

*Neste dia soube eu que Flores incorporara no seu exército todos os prisioneiros paraguaios válidos, que lhes tinham cabido na distribuição. Dão-lhe eles mais dois batalhões. Felizmente nem os ' brasileiros nem os argentinos imitaram este proceder, que repugna a honra militar e até me parece de muito pouca prudência. O certo é que, com raras exceções, quase que não existe nos soldados paraguaios o espírito de nacionalidade: pelo menos, dos que são nossos prisioneiros, muitos há que se lhes pergunta: Usted es paraguay? - Ahora ya no, quiero ser brasileiro.*

O conde D'Eu simplesmente não compreendeu nem a mentalidade nem o caráter do gaúcho. Este era um homem da campanha. Entre ele e seus irmãos não havia fronteira, e a causa de um poderia ser a causa de outro, assim era a mentalidade. O caráter era de fidelidade à causa abraçada. Isto ainda ocorreu em 1893 com as forças de Gumercindo e Aparício Saraiva que uniram gaúchos orientais e brasileiros.

Interessante a mentalidade do conde D'Eu repugnando a atitude de D. Venâncio Flores incorporando às suas forças os gaúchos paraguaios, e aprovando a atitude de D. Pedro II mandando-os construir estradas, como prisioneiros, o que equivale, praticamente, como escravos.

Quanto à aparência, as forças de elite, naturalmente, vinham bem uniformizadas. Vejamos como exemplos uma força da Bahia e 2 do Rio Grande do Sul.

*É nesta flotilha que está embarcada a 1ª Companhia dos Zuavos Baianos a mais linda tropa, a meu ver, de todo o exército brasileiro. Compõe-se unicamente de negros; brancos, indígenas*



*ou mulatos são dela excluídos. Os oficiais são também todos negros, negros retintos; e nem por isso são piores oficiais; pelo contrário. (...)*

*Deram a esses zuavos um uniforme vistoso, que muito bem diz com a cor de sua pele: calça encarnada, colete verde com galões amarelos, cinta encarnada, jaqueta azul, pescoço descoberto, fez encarnado. Sobretudo a supressão da gola, que os homens de cor muitas vezes não sabem ajustar convenientemente, é uma idéia felicíssima; só lamento que se não tenham completado com polainas brancas o seu aspecto militar.*

### **O General Dionísio Cerqueira assim descreveu um batalhão rio-grandense:**

*Quando me fui posto à frente do meu contingente, aproximava-se da casa uma força de cavalaria da Guarda Nacional do Rio Grande. Montavam todos a brida, com as pernas estendidas e a ponta dos pés apenas tocando o estribo.*

*Fizeram alto e apearam.*

*Havia oficiais, inferiores e soldados. Alguns tinham barbas longas que lhes desciam até o peito e cabelos trançados que chegavam quase até a cintura. Seu guizamento era digno de nota: longas adagas de fortes punhos com virotes em cruz e bainhas de prata lavrada; pesadas chilenas também de prata, com tão longos copetes que lhes chegavam até os artelhos e cossouros de tal diâmetro que lhes dificultava a marcha; chapéu de feltro de abas estreitas, cobertos de ganga vermelha e presos por barbicacho de borla à ponta do nariz; bombachas vermelhas ou negras e poncho de vicunha de cores vivas ou de outros estofos bordados a seda e algodoados; espadas de ferradura com três dedos de largura; lanças imensas de conto de prata ou de aço polido, de choupa longa e brilhante, com galhos direitos ou meia lua invertida, os cornos pontiagudos voltados para cima e para baixo, que mais pareciam lâminas de corseques e partasanas alemãs; um par de pistolas à cinta, nas toleiras, que era a larga guaiaca, espécie de*



*balteo coberto de chaparias e moedas, onde guardavam onças e libras de ouro, patações e bolivianos de prata. Os cavalos tinham as crinas tosadas a cogotilho e as colas atadas. Cada um tinha em cima uma testeira de prataria lavrada. As cabeças com grandes meias luas nas testeiras; as rédeas de bombas e passadores chatos ou esféricos; as bridas de fortes câimbas, floris e copas, os largos fiadores de chapas ou filigranas, os buçais, os cabrestos, as cabeças dos sirigotes, os estribos do século dezesseis, de grandes picarias com longos e bocais cilíndricos ou facetados, as cantoneiras das caronas de pele de tigre, os rabichos e os peitorais; tudo era da fina prata lisa ou cinzelada. Sobre os lombilhos e serigotes, pelegos negros cobertos por uma badana e sobrecincha de couro de lontra, de veado ou cinchões escarlates bordados e franjeados. Todos tinham boleadeiras, umas de marfim, outras de ferro retovado de couro, presas debaixo dos pelegos do lado da garupa.*

*Em muitos viam-se laços bem trançados presos ao cinchador, do lado direito, enrodilhados sobre a anca e atados ao serigote por um tento de lonca; poucos traziam pendurados na argola da sugigola ou no peitoral a chaleirinha do mate.*

*Era um quadro pitoresco. Havia altos e robustos, claros de olhos azuis e cabelos alourados; outros morenos, musculosos, de cabeleiras negras e lisas e barba rarefeita; alguns de lábios grossos, dentes alvos, maçãs do rosto salientes, nariz achatado e cabelos cacheados caindo sobre os ombros. Um ou outro negro. Parecia uma cabilda de guerreiros da Mauritània. Faltavam-lhes os albornozes.*

### **Comportamento - Escreve Nicolau Dreys:**

*Os gaúchos parecem pertencer a uma sociedade agyne, como dizia Algarotti, que viviam do seu tempo os Tártaros zaporojos; pelo menos, os gaúchos aparecem geralmente sem mulheres e manifestam mesmo pouca atração para elas, felizmente para seus vizinhos, a quem sua multiplicação, acompanhada de desejos tumultuosos, poderia causar desassossego; formado*



*originalmente da raça branca com os indígenas, eles se recrutam incessantemente dos mesmos produtos, e ainda de todos os indivíduos que nessas imediações nascem, sem ordem e sem destino, com o gosto tão geral de uma vida fácil e de perfeita liberdade.*

*Sem chefes, sem leis, sem polícia, os gaúchos não têm da moral social senão as idéias vulgares, e sobretudo uma sorte de probidade condicional que os leva a respeitar a propriedade de quem lhes faz benefícios ou de quem os emprega ou neles deposita confiança: entregues ao jogo com furor, esse vício, que parecem praticar como um meio de encher o vácuo de seus dias, é a fonte dos roubos e às vezes das mortes que cometem.*

*Joga o gaúcho tudo o que possui, dinheiro, cavalos, armas vestidos e sai do jogo inteiramente ou quase nu; nessa posição é que o gaúcho se torna temível, pois que, perdendo o que tem, não perde ainda o desejo de desafiar outra vez a fortuna, nem a esperança de achá-la menos cruel; e por mais temível que se torne nesse estado, não de desesperação, mas de profunda mágoa, os movimentos interiores do gaúcho escapam aos olhos do observador; nunca se altera nele aquela superfície de impassibilidade que faz a parte mais saliente do seu caráter; ele diverte-se, sofre, mata e morre com o mesmo sangue frio.*

*Geralmente, jogar cartas e fumar cigarros são os gostos dominantes do gaúcho; para jogar, no primeiro lugar que se encontra, mesmo no meio do campo, o gaúcho estende no chão o seu chiripá, o qual serve para receber as cartas, enquanto a faca resta fincada em terra do lado direito de cada um dos concorrentes, para estarem prontos a qualquer acontecimento ou dúvida que possa ocorrer. Quanto ao mais, pouca propensão parecem ter para os licores espirituosos, e a embriaguês é quase nunca aparecida entre esses homens cujas disposições taciturnas e apáticas pouco se conciliam com a loquacidade e movimentos desordenados da bebedice.*





## O TRABALHADOR

Não se deve, e até é descortesia, falar-se sobre um grupamento social iniciando-se com o tempo em que esse grupamento viveu o seu período de diferenciação. O conceito de moral é uma questão de época e de geografia.

A civilização européia, à qual pertencemos, foi bárbara até o advento do cristianismo. Os gregos foram chamados de gentios pelos cristãos, tal qual os nossos índios o foram pelos jesuítas, apenas porque não acreditavam na unidade divina. Alanos, vândalos, godos, galos, germanos, hunos todos foram bárbaros antes de se afirmarem em um grupo social diferenciado. Seguiam líderes, talando toda a Europa e ignorando fronteiras.

O gaúcho, da minha óptica, foi um trabalhador avulso anualmente contratado para courear e sebear por ocasião das safras. Na época em que as fronteiras das margens esquerda do Rio da Prata ainda não estavam definidas e o gado era reiúno (Res Nullius), os portugueses mantinham um comércio regular de exportação e importação na Colônia do Santíssimo Sacramento. A caçada ao gado reiúno, para o aproveitamento da pele e do sebo para a exportação, era a única fonte de renda que o gaúcho dispunha. Daí vinha-lhe a fonte de renda para adquirir aperos, indumentária e para o lazer. Ainda persistem no Brasil os safristas dos frigoríficos, sucessores dos das charqueadas que sucederam os coureadores. Em outros estados, os da laranja, do algodão, da cana-de-açúcar e do café, os chamados bóias frias. O gaúcho, na entressafra, comia do gado chimarrão e das frutas silvestres. Vagava pelo pampa infinito e inesgotável, da óptica deles.





Pela escassez de trabalho, a ele se juntavam todos os necessitados. Este fato social fez com que as autoridades da época apontassem o gaúcho como um grupo heterogêneo formado por homens de várias nacionalidades. A minha formação de homem criado no campo recusa-se a admitir que um adulto, sem tradição campeira, venha se tornar um gaúcho na acepção que sempre foi dada à palavra, no que tange a esta habilidade. É impossível isso acontecer, na prática.

O fato social de ser o mestiço do europeu com a índia o campeador por excelência, mostra-o a Idade do Couro em todo o Brasil. O mameluco, no Brasil, foi um cavaleiro e um guerreiro formidável, para a hoje denominada guerra de primeira geração.

O sangue índio é muito forte no brasileiro. Os índios carijó, também denominados pelos espanhóis de carioes e carios (Cartas do Brasil, Pe. Manoel da Nóbrega, p. 81), e que são os guarani (Equívoco: os carijós não são tupiguarani, mas tapuias - Hugo Ramires), habitaram toda a costa brasileira e se cruzaram intensamente com os portugueses. Os gigantes tamoios, apesar da ferocidade, já na segunda década da chegada dos portugueses, com eles reproduziam-se, conforme atesta Nóbrega.

O padre Manoel da Nóbrega assim se queixava:

*Já que escreví a Vossa Alteza a falta que nesta terra há de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas órfãs, e se houver muitas, venham de mistura delas e quaisquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaisquer farão cá muito bem à terra, e elas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-ão do pecado.*

*O sertão está cheio de filhos de Cristãos, grandes e pequenos, machos e fêmeas, a conviverem e se criarem nos costumes do Gentio.*



O sangue deles ainda corre nas veias dos personagens de Guimarães Rosa, de Euclides da Cunha; em Lampião. A História do Brasil nos ensina que os grandes sesmeiros do leste e do nordeste sequer chegavam a conhecer a extensão das propriedades por eles requeridas. Nem lá compareciam. Era o mestiço fiel e trabalhador que criava e conduzia o gado até a feira onde o patrão apenas o vendia.

Quanto às autoridades espanholas acharem ser ilegal o comércio dos gaúchos com os portugueses, vejamos o conceito de Afrânio Peixoto na NOTA PRELIMINAR de CARTAS DO BRASIL.

*Finalmente, a moral era suspensa, com a travessia. O “ ultra equinoxial em non peccavi” citado por Barlaeus, refere-se ao intertrópico, mas, na realidade, era por toda a parte que sobejava da Europa, o continente digno: mesquinhas por natureza, pensava ela, seriam as outras partes do mundo. Pois até os cães desaprendiam de ladrar, na América, como recordou Hamilton, quanto mais o homem com a virtude... os negócios coloniais têm direito - é ainda moral européia de hoje - de ser “louches”, o direito de serem tortos. Sabemos nós do Brasil qual a profecia de Buckle, sobre a civilização brasileira: aqui nem sequer lugar havia para o homem...*

LOUCHE GAÚCHE, GAÚCHO, gaúcho sinônimos de serem tortos, no conceito social europeu. Este formidável trabalhador da Idade do Couro não pode permanecer condenado à situação de LOUCHES. A evolução dos costumes do gaúcho brasileiro prova isto. Entendo por costumes de um povo os praticados pelas pessoas de bem de um grupamento social, e que deixa herança cultural. O GAÚCHE francês ainda hoje é usado, com certo orgulho, por poetas como Carlos Drummond de Andrade, sociólogos, como Gilberto Freire, e pelo society, quando desejam proclamar-se livres das normas sociais.



Parece-me que no Brasil inteiro o termo gaúcho tem duas acepções:

Gilberto Freire em PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA, assim se refere aos paulistas:

*O que permanece no bandeirismo castiço no São Paulo étnico e culturalmente plural de hoje é principalmente o élan, o motivo, a condição de espírito de bandeirante. Condições que o sr. Cassiano Ricardo e tanto quanto o sr. Ribeiro Couto, de aparência e modos cordialmente nortistas e até baianos a contrastarem com a reserva seca e as vezes GAUCHE do paulista velho - “como inquietação, aventura, espírito de iniciativa; ou de modo mais subjetivo: o “bom individualismo”.*

Cornélio Pires divide os caipiras paulistas em três etnias: o caipira branco, o caipira preto e o caipira caboclo e acrescenta que “não faço referência ao “cafuz” e ao “caboré”, “raros neste estado.” Define o caipira caboclo como sendo “os descendentes diretos dos bugres catequizados pelos primeiros povoadores do sertão.”

Se Gilberto Freyre dá uma conotação de “espírito de iniciativa” e “bom individualismo” ao bandeirante GAUCHE, Cornélio Pires dá uma conotação pejorativa ao gaúcho paulista: GAÚCHO - *Vivedor. Parasita. Filante. O caipira paulista chama o rio-grandense do sul: sulista; paranaense: paranista; a todo o nortista: baiano; não fazendo referências aos catarinenses, que são raros nos outros estados.*

*Quando são muito trabalhadores, os caboclos se satisfazem com qualquer cousa: uns pés de couve, uma rocinha de mandioca, três pés de cebola de cheiro, batatas, abóboras e... a serralha dá por si... Nada mais precisam, pois emprestam do patrão o milho para o angu já feito...*

*São marotos. Criam os filhos ao Deus dará.*



Quanto ao caipira branco:

*Os caipiras brancos, mesmo quando pobres, são respeitados pelo caboclo pobre ou rico e pelos pretos.*

*Se os filhos são analfabetos, em compensação são gentis e bem-educados.*

*Não são velhacos, nem cavorteiros, nem gaúchos: tem sempre de seu.*



## CONTRABANDISTAS

No Brasil, os contrabandistas não foram confundidos com o gaúcho. Parece que não havia tradição do contrabando para o gaúcho étnico. Vejamos Nicolau Dreys:

*Os contrabandistas formaram-se a princípio na população branca, e particularmente entre alguns aventureiros estrangeiros; viviam como uma tribo mista, não pertencendo politicamente nem aos Portugueses, nem aos Espanhóis, nem aos indígenas, e comunicando com todos pelo contrabando: eram o ponto de contato geral, e, por esses motivos, tomando armas, podem ser considerados como os primeiros pugnadores pela liberdade do novo mundo. Menos afastados da vida civilizada do que os gaúchos, os contrabandistas eram, todavia, vagabundos como esses: sempre armados e sempre em marcha, combatendo igualmente os soldados, as milícias e os guardas fiscais das duas nações, como também os índios bravos e os tigres, quando se encontravam em sua derrota; costumes tão marciais tinham feito deles homens superiores ao medo e à dificuldade das empresas. Nada havia que não intentassem, com a esperança de algum benefício; quase estrangeiros, na sua vida excepcional, a toda a sociedade civilizada, verdadeiros hóspedes dos desertos que buscavam até com preferência para esconder suas operações, viviam os contrabandistas fora das leis gerais e sem leis peculiares, sujeitos somente às ordens de um chefe eletivo, cuja autoridade limitava-se à duração da expedição para a qual tinha sido criado, e cujo poder não reconhecia, às vezes, outro título senão ao da força física ou da dextridade, mesmo durante o curso do seu reinado efêmero.*



*Como os gaúchos, tinham os contrabandistas princípios de moral natural que não lhes permitiam ofender nem deixar ofender, na pessoa nem nos bens, os homens que não tinham recebido agravos, mesmo ainda aqueles a quem deviam a hospitalidade que geralmente achavam, quanto mais que, onde eles estavam, podia se deixar tudo à sua disposição; eram, nesse caso, guardas seguros e nunca espoliadores.*

*Os anos ceifaram provavelmente os últimos desses homens notáveis; porém, havemos conhecido a muitos deles no tempo da nossa estada na Província do Rio Grande, e mesmo mais tarde em nossas viagens aos campos de Curitiba: como os flibusteiros tinham eles no fim de sua carreira, trocado a vida tormentosa em que tinham andado pela existência mais tranqüila e sedentária do lavrador ou do negociante, e assim mesmo levaram a essas profissões pacíficas o espírito empreendedor que os animava anteriormente; quase todos estavam já encanecidos pela idade, mas ainda ágeis, ainda aferrados aos costumes militares e sempre prontos a recorrer às suas armas por qualquer dúvida. Se, na vizinhança, um ato de humanidade ou de resolução havia para fazer-se, o velho contrabandista não se deixava prevenir por ninguém: as últimas guerras fizeram ainda brilhar algumas faíscas desse ardor marcial expirante; muitos se apresentaram para abrir à mocidade a carreira dos perigos e da honra.*



## CAFUZO

Não é de uso no Rio Grande do Sul a palavra cafuzo. É por isso, creio eu, que o cafuzo nunca é mencionado em nossa História.

Não desconhecemos que em dado momento histórico a população rio-grandense era composta de 30% negros. A negra era escassa, principalmente nas charqueadas onde o elemento masculino é que contava. Por outro lado, era mais econômico comprar um negro que criar. Se “a índia entregava-se ao negro por prazer”, é lícito admitir-se que o cafuzo era comum. Esta preferência da índia pelo negro era de tal monta que nas missões os estancieiros não queriam o negro como peões por causa das índias.

Soa-me agradável e familiar a fala gaúcha:

- Um mulato mestiço a índio...

Aproveito para fazer uma observação: sempre que uso a palavra mulato estou me referindo a cruz de banco com a negra; mestiço, o filho do branco com a índia.

A mulher européia é elitista, como o são as árabes, japonesas etc. Em regra, não aceitam o acasalamento com homens de outras raças, principalmente se considerados socialmente inferiores ou que mantêm usos, costumes e religião diferenciados. As famílias desaconselham a união.

Inicialmente, o cafuzo deve ter sido comum, visto que a população negra e mulata era muito elevada. Ainda hoje notam-se mulatas e mulatos de olhos amendoados.





## GAÚCHAS

Dionízio Cerqueira, citado por Cláudio Moreira Bento, assim descreveu a atuação da mulher brasileira na guerra. Não só da negra, como da branca e da índia, em número expressivo e naturais do Rio Grande do Sul, na sua maioria:

*“Essas mulheres que seguiam o Exército não tinham medo de coisa alguma. Iam às posições avançadas mais perigosas, levar a bóia (alimentos) dos maridos.*

*Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vias mais de uma vez achegarem-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancar o sangue, montá-los nas garupas de seus cavalos e conduzi-los, no meio das balas, para os hospitais.*

*Algumas trocavam as amazonas (saias) por bombachas nos dias de combate* E AS PONTAS DE SUAS LANÇAS FORMAVAM OS SALIENTES NAS CARGAS DE SEUS REGIMENTOS.”

*E uma homenagem que está a dever-se à mulher do soldado da guerra do Paraguai.*

Todos os viajantes ilustres que por aqui passaram registraram a recepção que a fazendeira e a estancieira davam aos viajantes. O homem, sempre trabalhando fora de casa, no campo, tropeando ou guerreando, deixava fazenda e estância aos cuidados da mulher.

Conforme a classe social, o viajante dirigia-se à casa ou ao galpão. Aqui na região serrana, normalmente chegava ao galpão. Desencilhava e ficava tomando mate até “os homens chegarem do campo”. Se peão, agregado ou viajante humilde, permanecia com seus iguais. Era o ambiente dele. Caso contrário, chegava à casa e a dona oferecia-lhe mate e com ele tomava.



Não há registro de viajantes em que não cite a independência com que se movimentava a mulher rio-grandense, fato não observado nas demais províncias. Tanto Gilberto Freyre como Câmara Cascudo descrevem com minúcias a situação servil da mulher brasileira. Tão servil que era fato normal o emprestar-se a esposa para amigos, em todas as classes sociais.

O que eu não sei explicar é o fenômeno social que levou a mulher européia transformar-se numa escrava melhorada na sociedade brasileira, e uma verdadeira “cabeça” da família no Rio Grande do Sul. Até hoje.



## O CARÁTER

O europeu que para aqui veio, nos primórdios do povoamento, teve que se adaptar a uma nova vida e a uma nova convivência. A tropeada, a arreada, a fundação de estâncias, as lutas armadas, a convivência com os índios, enfim, a natureza das múltiplas funções, todas elas caracterizadas por coragem, independência, participação coletiva com diferentes classes sociais e raças, decisões pessoais, defesa de bens e da pátria, conquistas, todas contribuíram para caracterizar o homem do Rio Grande do Sul, moldando-lhe o caráter.

Ninguém melhor do que João Pinto da Silva “em sua *História Literária do Rio Grande do Sul*, citado por Barbosa Lessa em *O caráter cíclico do tradicionalismo*, Correio de Povo, 10.12.83, Letras & Livros, para definir o caráter do gaúcho rio-grandense:

*O que o homem dos nossos campos, tanto o estancieiro quanto o mais humilde trabalhador rural, oferece de impressionante, a qualquer observador meticoloso, é justamente a sua capacidade de renovação, a presteza da sua ativa e inteligente atuação às exigências novas da vida. Não é a indumentária o essencial à sua caracterização, como não é, tampouco, o modo de se conduzir na vida. Vestido à européia, a pé ou a cavalo, derrubando touro ou ouvindo as óperas do Teatro Colon de Buenos Aires por intermédio do rádio, o que dá fisionomia histórica ao gaúcho, o seu vinco de diferenciação, é a franqueza nas atitudes e nas palavras, o narcisismo, a bravura quixotesca, a instantaneidade impulsiva das resoluções, a veemente vocação cívica, a altaneria, o bom humor, mesclado a irreprimíveis explosões sentimentais e fatalistas. Tais virtudes e defeitos constituem o fundo permanente, imutável, do seu caráter. Por isso, não variam com as condições materiais, ou morais, de vida.*



## A PERSONALIDADE

Segundo o Aurelião, “o elemento estável da conduta de uma pessoa; sua maneira habitual de ser; aquilo que a distingue de outra”.

Com o confinamento do índio pelas Reduções Jesuíticas e a subjugação pelo bandeirante, ele foi tomando consciência de liberdade e de autodirigir-se, que culminou no episódio de Sepé Tiaraju. Sepé Tiaraju sintetiza a personalidade do índio missioneiro.

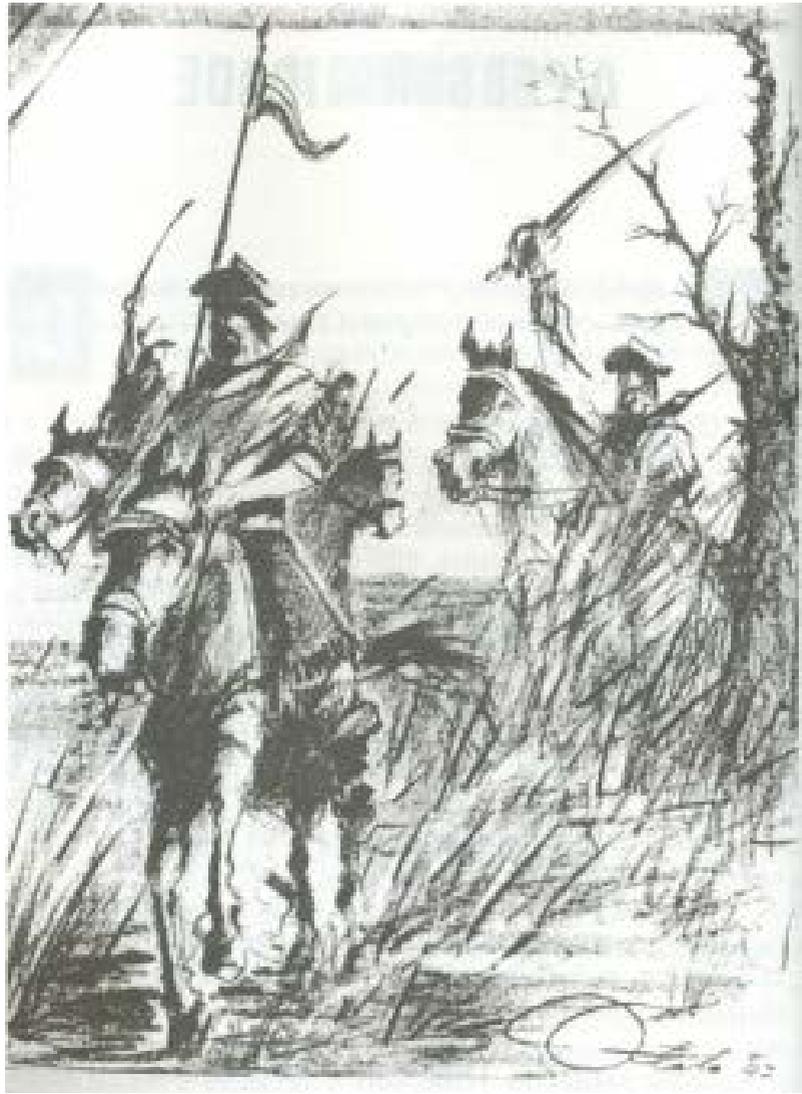
Antes de Sepé, o mestiço, filho do europeu com a índia, rompera os laços de Reduções e de Governos. Tornara-se livre, graças ao cavalo e ao gado *orejano* ou *Res Nullius*. Vagava pelo pampa, senhor do seu destino.

O povoador branco, por sua vez, adequando-se a um ambiente de insegurança pela falta de delimitação de fronteiras e de autoridades civis e militares que lhe garantissem a família e a posse da terra, criou um sistema de autodefesa, também se distanciando das decisões das autoridades imperiais e cuidando do seu próprio destino.

O negro, pelas participações nas quase contínuas lutas armadas, adquirira também a sua liberdade, livrando-se do cativo das charqueadas e de outros afazeres sedentários. Mesmo o trabalho escravo como peão já implicava em liberdade de ação e individualismo.

O Rio Grande do Sul foi uma escola de liberdade. O gaúcho sempre seguiu lideranças, mas a elas nunca se sujeitou. No tempo da caça ao gado, ele acompanhava o vaqueano. Terminada a faina, par- ha para o rumo que bem entendesse, sem prestar contas a ninguém.





Da caçada, passou às arreadas. O gaúcho continua seguindo o arreador, indiferentemente, para um lado ou outro da fronteira. Tanto fazia. Vieram as guerras, e o gaúcho participou de um lado e de outro. Vieram as disputas de fronteiras e ele lutou conforme o local onde se encontrava. Vieram as revoluções, e o gaúcho seguiu o caudilho, ignorando a linha de fronteira.

Personalista, não admitia, sequer, ajuda. Era um auto-suficiente.

Quando o Brasil mandou forças para a guerra contra o Paraguai, ofendeu-se:

*Até ouvi um fanfarrão da Guarda Nacional Rio-grandense queixar-se de ter o governo admitido voluntários do Norte, dizendo que isso resfriava o entusiasmo dos habitantes da província, pois lhes fazia crer que o governo não tinha confiança no valor dos Rio-grandenses. (Conde D'Eu).*

D. Pedro II, quando foi do cerco dos paraguaios em 65, na presença do conde D'Eu interroga um prisioneiro.

*...direito como uma estaca, a cabeça levantada e os pés juntos, tinha verdadeiramente porte de antigo militar. Embora falasse corretamente o espanhol, as perguntas que lhe dirigiam só respondia o que era indispensável. Era um homem bonito, evidentemente da raça mestiça.*

*... havia evidentemente certa altivez militar que o impedia de se confessar satisfeito, estando prisioneiro. Quando o imperador lhe perguntou se estava satisfeito com o modo por que era tratado, limitou-se a responder, com pronúncia muito semelhante a andaluza, posto que muito lenta:*

*- Zi, zeñor; me tratan bien.*

*-Entonces - perguntei eu - está usted contente aqui?*

*-Aqui, zeñor..., estoy zujeto (sujeto).*



*Havia na reticência desta resposta uma delicadeza de sentimento, que eu não esperava de tal homem. Era evidentemente um indivíduo muito ignorante, muito bárbaro...*

*Quando lhe perguntava de que parte do país era, se do Norte ou do Sul, parecia não entender, somente sabia que era “de la camapaha de la banda dei Paraná”.*

*Blau Nunes, personagem de Simões Lopes Neto, Quando foi do cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 65 e o imperador Pedro II veio cá,... e passou revista no corpo de voluntários....:*

*Cada um firme como um tarumã;...*

*O tenente descarregou umas quantas vozes; e nós estávamos como cordas de viola!...*

*-Apresente-se!*

*Ora, ... caminhei firme e quando cheguei a cinco passos do ruivo, tornei a quadrar o corpo, na postura dos mandamentos.*

O Conde D’Eu descrevendo os Voluntários uruguaios sob o comando de Flores, assim os descreve:

*São homens de belo porte, mas têm caras de salteadores.*

*Quanto à escolta oriental de D. Barnabé Magariños:*

*Compõe-se ela de seis homens, cujas caras barbudas e tisan- das, com boinas escarlates semelhantes às dos bascos espanhóis e traje irregular, menos parecem militares que bandidos de melodrama.*

*Quando marcham atrás de nós, apertados uns contra os outros, a sua feroz expressão contrasta com a amabilidade do coronel, e parece dizer-nos: - “Somos apenas seis, mas bastamos nós para a segurança do nosso chefe”.*

Simões Lopes Neto, referindo-se aos Voluntários rio-



grandenses:

*- uma indiada macanuda, capaz de bolear a perna e descascar o facão até para Cristo, salvo seja!...*

### **E em Trezentas Onças:**

*Eh-pucha! patrício eu sou mui rude... a gente vê caras, não vê corações...;*

E o Conde D'Eu viu caras e não viu corações. Após a rendição de Estigarribia às forças da Tríplice Aliança, os gaúchos brasileiros e paraguaios deixaram o conde atônito:

*-...logo os soldados se precipitaram para a trincheira, a despeito dos gritos de indignação do general Cabral.*

*Daí a pouco (os paraguaios) deitam fora as armas, saltam o parapeito e montam na garupa dos cavalos de nossos soldados. Em todas as direções se vêm galopar cavaleiros rio-grandenses; cada um com um paraguaio na garupa.*

Em coração de gaúcho não cabe o ódio ... assim na paz como na guerra.



## LIBERALISMO POLÍTICO

Olynto Sanmartin em A PROPAGANDA REPUBLICANA E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, assim explica o liberalismo e a democracia como sendo um fundamento ideológico do povo rio-grandense:

Os sentimentos de liberdade que o homem rio-grandense passou a cultivar não significava um grau de cultura adquirido, mas unicamente, um traço de sua personalidade que foi mantendo latente através do convívio e da tradição como condição necessária à vida comum do gaúcho, com raízes profundas e férteis no meio ambiente. Por certo que não seria nenhum tipo seletivo enquadrado num ângulo antropológico e somático, mas também não se fundia nem derivava para uma estirpe de índole bárbara.

A esse homem dos campos rio-grandenses e que num compasso normativo foi se agregando a centros maiores, povoados, vilas e cidades, estava já predisposto a tudo a que tivesse cunho de liberalismo de base ou mesmo de feição aleatória. A esse nódulo espiritual chamaríamos de um legítimo **liberalismo de berço**, sem nenhum preconceito doutrinário ou regimes políticos que a pouca receptividade mental do homem rural tornavam mais incompreensíveis, votando indiferentismo pelo próprio conhecimento às possíveis manifestações dessa ordem.

Somente decorridos decênios é que o próprio índice evolutivo populacional permitiu que esse aspecto, como governo, despertasse maior interesse. A democracia era para o governo rio-grandense, ainda nos primórdios da sua formação política, um sistema desejado, fundamento ideológico, embora sem diretrizes perfeitas. Mais tarde, com a imigração de homens esclarecidos, iniciou-se o espanejamento vago e nebuloso entre as camadas populares de um regime republicano de sabor americanista.



# TRADIÇÃO

**Continuemos com o artigo já citado de Barbosa**

**Lessa:**

## **UM CULTO QUE SE RENOVA SEMPRE**

*Tudo o que se poderia teorizar sobre Tradição já foi dito, em poucas linhas, por Augusto Meyer, já então um veterano escritor, com 25 anos de idade, em artigo no Correio do Povo de 2 de junho de 1927.*

*“Tradição é o desejo de claridade.*

*Chega um momento na vida em que o homem, ante as flutuações de seu espírito, quer chegar a um ponto de apoio, marcando “uma estrada real” no meio dos mil “sendeiros” que abrem aos seus olhos cobiçosos o fascínio da aventura.*

*A Tradição é justamente essa força que nunca admite as imposições individuais. Ela obriga à humildade, como tudo o que está acima e além do homem.*

*Quando muito, a Tradição quer ser adivinhada em suas formas e penetrada com a inteligência. E a inteligência, nesse caso, é o amor pela terra. O qual, nem procura justificar-se. Mas procura ser.*





## HOSPITALIDADE

Joseph Hörmeyer: (...chegou ao Brasil como capitão do Batalhão Alemão em 1851. Faleceu em Viena no ano de 1873.)

*A virtude principal, porém, do campeiro, é a hospitalidade; não a do homem rico da Alemanha, a qual é apenas ostentação diante de um amigo de negócios ou de um senhor de posição elevada; - também não é a hospitalidade do inglês que cerca os que lhe são recomendados com prodigalidade e luxo, enquanto deixa, sem dó e friamente, morrer pessoas somente por não lhe terem sido apresentadas; também não é aquela do colono alemão aqui na terra, que recebe prazerosamente o estranho distinto para poder dizer: “Este ou aquele hospedou-se na minha casa”, - mas recebe aborrecido aquele de aspecto modesto; serve-lhe parcamente; não trata de seu cavalo e o despede com um ar de protetor ou até exige dele pagamento. - Não! a hospitalidade do campeiro é aquela de Abraão, o patriarca, que corre ao encontro do estranho, rico ou pobre, pedindo que honre a sua casa; lava-lhe os pés, põe na mesa o melhor que a casa dispõe e, quando o hóspede segue adiante, humildemente se desculpa por não ter estado em condições de servir melhor o senhor.*

*Sim, o brasileiro, em especial o rio-grandense, pratica a hospitalidade como deve ser, sem segundas intenções e sem acepção de pessoa; e o mais humilde sacrificará seus últimos haveres para tornar-se obsequioso a seu hóspede.*

*Nós mesmos tivemos ocasião de traçar uma paralela entre a hospitalidade alemã e a brasileira. Quando, em maio do ano passado, cavalgamos de Rio Pardo para Santa Cruz, vestimo-nos, devido às circunstâncias, com roupas para viagem, de sorte que seria difícil distinguir-nos dos colonos. À tarde do primeiro dia aproximamo-nos da casa do primeiro colono alemão do rincão; a chuva começou a cair a cântaros, estando bem escuro quando chegamos ao casebre dele. Nós, que tanto ouvíramos falar da*



*hospitalidade alemã, esperamos uma recepção tanto mais calorosa por sermos os primeiros das tropas alemãs que chegaram até aqui. Mas a dona da casa não pensava assim; sem nos convidar para apear, perguntou-nos desconfiada - um verdadeiro gerdame de anágua - pelo: Quem? De onde? Para onde? Por quê? Com uma palavra, através de todos os pontos de interrogação. Essa decepção aborreceu-nos imensamente. E quando a resposta à pergunta “se aqui podíamos ser hospedados?” seguiu hesitantemente: “Bem, nós não negamos a ninguém uma pousada ”, demos, apesar de vento e chuva, de escuridão e desconhecimento do caminho, volta, e nos mandamos, até que vimos ao longe brilhar uma luz para onde os nossos bons cavalos nos levaram em breve.*

*Em comparação, chegamos numa tarde do mesmo mês a uma venda brasileira onde, por altos preços, se vende as necessidades costumeiras aos colonos. Estávamos cansados e famintos, e exigimos, por isso, do vendista, uma janta; ordenamos servir ovos com toucinho para as pessoas e dar milho para os cavalos. O jovem arranjou tudo rápido e prestativamente, embora ele mesmo, por exemplo, teria de buscar o toucinho e o milho em outras casas e pagar à vista, como mais tarde ficamos sabendo. Depois cedeu-nos sua própria cama, passando a noite de um frio cortante, apenas embrulhado em seu poncho, no chão de barro batido de sua venda. Quão encabulados ficamos, portanto, na outra manhã, quando ele não somente recusou qualquer pagamento, mas se sentiu ofendido em alto grau pela afronta de aceitar dinheiro pela sua hospitalidade: “que ele vendia, de fato, o que havia em sua venda; mas não sua hospitalidade; que somente perdoássemos por ele não ter estado em condições de nos servir melhor”. - Isso para a definição de hospitalidade. (Joseph Hörmeyer, obra citada).*

A hospitalidade no Rio grande do Sul foi sempre uma coisa muito natural. Fez parte do homem. Creio que isso seja uma herança pura portuguesa, e não índia. Apenas, nos toldos minuanos encontrou ambiente e se incorporou a cultura gaúcha estendida.



Lembra-me a canção popular:

Uma casa portuguesa fica bem  
Pão e vinho sobre a mesa  
Se na porta humildemente bate alguém  
Senta na mesa da gente  
Fica bem esta franqueza, fica bem  
E o povo nunca desmente  
A alegria da pobreza  
É esta grande riqueza  
De dar e ficar contente

Logo após a revolução de 93, minha avó, Carolina Sampaio de Quadros, recebeu um chefe político, inimigo, que matara um negro dela e muito perseguira o finado Ernesto, meu avô. Não sei o porquê. Mas ela sempre que se referia a ele não deixava de acrescentar: “esse desgraçado matou meu negro”. Ela era muito amorosa com os negros dela. O chefe político chegou, e ela, naturalmente, recebeu-o na sala. Ofereceu-lhe um mate. O homem segurou a cuia, proseava, proseava, e não tomava o mate.

- O senhor me passe a cuia..., esse mate vai esfriar.

Tomou o mate. Daí em diante, tomaram mate até o vovô Ernesto chegar do campo. - “De certo o desgraçado pensou que eu ia envenenar ele”. É que em 93 os chimangos levaram-lhe todo o gado, deixando apenas cinco vacas de leite e uns



matungos velhos.

A revolução de 93 foi uma explosão de ódios políticos, mas não abalou a hospitalidade.

Avê-Lallement, citado por Cláudio Moreira Bento em *Hospitalidade constituição étnica e caráter do gaúcho do RGS - 1858*, assim escreve:

*“A criação de gado, como é feita no Rio Grande, pede muita terra e pode ser realizada com poucos braços.*

*Aliás, geralmente é feita por si mesma e por isso é praticada com pouco cuidado.*

*Evidentemente essa facilidade do trabalho e de ganhar a vida teve decisiva influência sobre o caráter do interior da província.*

*Não sendo pressionados pelas pequenas preocupações da vida, teve decisiva influência eles serem isentos do sentimento de mesquinhas que tão freqüentemente em todo o mundo é característica das grandes cidades entre merceeiros e operários.*

*Não importa em geral ao rio-grandense uma despesa, ceder um cavalo, uma vaca ou algumas libras de carne ou receber um estranho.*

*Se, por um lado, a circunstância de que nos imensos campos de sua terra as residências ficam distantes umas das outras e de que absolutamente não há hotel, obriga-o, por amor ao decoro, a uma certa hospitalidade, por outro lado a hospitalidade espontânea, oferecida de boa vontade, é um traço profundamente característico da maioria dos estancieiros e mesmo das pessoas pobres, se tais existem no país - hospitalidade na mais ampla escala. Prova-o, quase todos os dias, o itinerário de minha peregrinação. Aliás, não há pior fama na Província do que a de inospitaleiro, como, por exemplo, a que possuem, em toda a parte, aquele Couto Rico de Itaipava (Estância do comendador Jobim).*



*Dessa hospitalidade se origina uma série de boas qualidades.*

*Freqüentemente acanhados, a princípio, logo se tornam francos, sinceros e sempre corteses, ávidos de saber, mas modestos em perguntar, impávidos e corajosos, sem provocação.*

*Essa é a característica dominante de todos os que conheci.*

*É difícil descrevê-los pela constituição física, pois são de variadas origens e em geral procedem das três raças, negra, índia e européia. Em minha peregrinação estive em contato com todos esses elementos e entendi-me perfeitamente com todos eles.*

*Já é muito diferente nas cidades, vilas e freguesias da Província, onde a vida tende a desenvolver-se em todas as formas em que a própria Europa procura desenvolvê-la. Aqui é traço característico a cortesia e a amabilidade e, depois que a gente se identifica, a verdadeira bondade do coração, que eu, de menos, encontrei em toda a parte.*

E não devo escrever coisa diversa do que encontrei.

## **O gaúcho, aceitação literária**

Quando a literatura começou a explorar, em versos, o tipo social gaúcho, a intelectualidade da época procurava um mundo sem Deus. A figura do gaúcho surgiu em um cenário de Nacionalismo sul-americano, onde o homem procurava se afirmar como filho e dono do novo mundo, e buscava livrar-se do absolutismo dos reis ibéricos e do domínio da consciência pela religião. O gaúcho representava um ser em plenitude de liberdade, auto-suficiente e senhor de seu destino.

No campo filosófico, os intelectuais debatiam o Iluminismo de Motesquieu, o Positivismo de Augusto Comte, o Comunismo de Karl Marx e o Evolucionismo de Charles



Darwin. O homem buscava uma filosofia de viver sem Deus, nem rei, nem fé. O gaúcho não tinha *fé, nem lei, nem rei*.

De todas essas filosofias, a que permanece viva é a da evolução da espécie, embora, ainda em 1870, Pasteur tenha provado que todo o ser vivo provém de outro ser vivo, e a genética, atualmente, estar provando que nada mais é tão estável quanto o gene. Mas os seguidores de Darwin, conscientes ou não, ainda buscam a geração espontânea da vida, e o início espontâneo e causai da formação do universo: uma simples explosão de energia produziu um mundo maravilhoso e perfeitamente ordenado, sem qualquer orientação inteligente. De qualquer maneira, a Teoria da Evolução ajudou a sistematizar o estudo dos reinos animal, vegetal e mineral.

Todas essas teorias muito contribuíram para a evolução do pensamento.

No campo político, surge no cenário do mundo ocidental a Constituição dos Estados Unidos da América do Norte, em 1776.

Escreve o tenente-coronel Henrique Oscar Wiederspahn em *Das Guerras Cisplatinas às Guerras Contra Rosas e Contra o Paraguai*:

*Derrotados os exércitos ingleses na revolução Americana de 1775 a 1789, surgiria nos Estados Unidos da América a primeira democracia constitucional nascida da autodeterminação das antigas colônias aí e da mística religiosa da liberdade de crer, de pensar e de trabalhar, bem como de progredir socialmente, para todos os cidadãos americanos lá radicados, abrangendo tanto os de origem inglesa e irlandesa, como os de origem alemã, francesa, etc.*

*Esta vitória da democracia na antiga América Inglesa ecoou na Europa de maneira poderosa e teve na Revolução Francesa de 1789 como primeira conquista liberal a implantação*



*de um regime constitucional e as primeiras experiências republicanas pré-napoleônicas.*

Embora o liberalismo e a autodeterminação dos habitantes do Rio Grande do Sul seja de berço e de circunstâncias, a idéia de democracia surge em 1808, segundo Olynto Sanmartin:

*O Rio Grande do Sul somente em 1737 tomava foros jurídicos com a chegada do brigadeiro José da Silva Paes. Sua densidade demográfica foi se intensificando de tal modo que ao raiar de 1800 mal se movimentava para a evolução mais acentuada de uma cultura geral.*

*Na América do Sul, foi na Argentina que surgiu o primeiro movimento de independência. Com a invasão inglesa de 1806 visando o domínio do Estuário do Prata, levantou-se a consciência argentina. Cria-se uma junta revolucionária em Buenos Aires. Esta junta procura restabelecer o Vice-Reinado do Prata anexando o Uruguai e o Paraguai.*

*Ao mesmo tempo, a Espanha envia o Vice-Rei Elio para restabelecer a situação. Elio, não podendo desembarcar em Buenos Aires o fez em Montevideú. Buenos Aires mandou o General Rondeau sitiá-lo.*

*Com a intervenção da diplomacia inglesa, Rondeau assina um armistício com Elio e retira-se para a outra margem do Prata. Artigas rebelou-se contra o armistício e deu início ao movimento de independência do Uruguai.*

*Desta atitude de Artigas nasce o primeiro choque entre as culturas campesina e a cidadina. O General Artigas retira-se para Ayui, seguido por cerca de 16.000 pessoas e cria o núcleo inicial de uma nova nacionalidade. Uma nacionalidade formada pelos “criollos” da terra, mais tarde, gaúchos.*

O gaúcho foi e é visto pelos intelectuais como o homem



livre dos rituais religiosos, sociais e políticos. Na verdade, a expressão literária sobre o gaúcho é uma expressão íntima e latente dos autores, porque, no povo, a *mentalidade* gaúcha já existia. O gaúcho vivia aquela liberdade que eles almejavam.

Ascasubi teve a felicidade de sentir e captá-la, no momento histórico em que o gaúcho evoluía da condição de caçador de gados para a vida militar. Elias Regules definiu a *mentalidade* do gaúcho e Hernandez sublimou o tipo humano. Zorrilla de San Martin cantou a extinção de uma raça, raça geratriz do gaúcho étnico. Mas o gaúcho, teimosamente, continua cada vez mais vivo, porque ser gaúcho é uma *mentalidade* tecida no nosso inconsciente.

No Brasil, tardiamente, Ramiro Barcelos condensou a sabedoria popular em Antônio Chimango; Simões Lopes Neto criou a imagem do gaúcho rio-grandense, e Aureliano de Figueiredo Pinto traçou os rumos da poesia gaúcha. Com estes autores, a imagem do gaúcho brasileiro nasce sem o pejorativo de ladrões, marginais, contrabandistas, fugitivos da justiça, desertores, etc. Mais de 300 anos de História e a memória popular confirmam esta imagem.

Enquanto o mundo intelectual procurou exteriorizar um protótipo, o inconsciente coletivo continuou tecendo a *mentalidade* gaúcha. Inicialmente, era o índio entregando suas mulheres aos brancos, já conscientes da melhor aptidão do mestiço para viver no mundo novo. O cruzamento havia produzido um ser mais apto que ele, índio. O português, sem tradição do uso do cavalo, extasiava-se diante da aptidão do mestiço como campeiro, vaqueano, guerreiro, com liberdade de locomoção, livre dos ritos sociais, livre da consciência religiosa que divide o mundo entre o bem e o mal, senhor do seu próprio destino. O português, que se debatia dentro das prisões de uma *mentalidade* cheia de medos e limitações, sentia no mestiço a liberdade física e espiritual. A seguir, abandonava o amanho sedentário da terra, e se gauchava. Andar a cavalo em campo



aberto é como o amor, só o compreende quem o sentiu.

Feliz é o homem livre do pecado.

Feliz é o homem “sem rei nem roque”.

Feliz é o homem que não presta conta de seus atos a ninguém.

Estas três aspirações humanas o gaúcho as vivia. São esses pontos que fixam a tecedura inconsciente do protótipo, até que essa idéia força se transformou numa tomada de consciência e na expressão de um pensamento claro. E preservar esse protótipo, que está dentro de nós, é preservar a nossa própria identidade.



## LINGUAJAR SERRANO

O linguajar serrano, e mesmo o gaúcho, é aceito pacificamente como de influência castelhana. Acredita-se que a fronteira gaúcha com o Uruguai e com a Argentina é que tiveram influência decisiva. Não me parece ser verdade nada disso. Dante de Laytano, Moyses Velhino, Walter Spalding entre outros concluíram que a influência maior no nosso linguajar é açoriana. Coruja, em 1851, chamava a atenção que a montagem da frase e a acentuação das palavras eram diferentes no Rio Grande do Sul. Paulo Xavier com seu trabalho *A Linguagem do Cotidiano*, no prelo, faz uma análise dos termos incorporados à nossa linguagem procedentes dos índios desde o México, passando pelas Antilhas e Caribe, até o Chile. No ciclo da prata de Potosi, o centro comercial importador e exportador era Porto Belo, no Panamá. Até lá chegavam as tropas de mula. Com o ciclo do ouro no Brasil, o centro comercial do tropeirismo se desloca para Sorocaba, onde as mulas eram vendidas para todo o Brasil, formando o extenso corredor cultural Porto Belo - Mesopotâmia Argentina - Sorocaba.

O homem que palmilhou esse caminho comerciando, criou uma linguagem de termos internacionais, funcionais, tal qual uma extensa terminologia inglesa invade hoje todos os povos em virtude dos computadores, da economia e do comércio.

Porto Alegre sofre influência maciça dos açorianos.

O Planalto Médio tem influência direta da antiga Paulistânea.

Se escutarmos um fronteirista, um porto-alegrense e um biriva falando, ter-se-á a impressão que são de estados diferentes. Isto considerando-se o linguajar histórico, sem falarmos nas regiões de origens alemã e italiana.



A nossa maneira de falar, na região da barba-de-bode, a herdamos dos povoadores vindos dos planaltos paranaenses. Falamos (ou falávamos?) com vogais bem pronunciadas e s sibilante. O *r* é forte e pronunciado com a ponta da língua. A nossa maneira de falar é (ou era?) clara, bonita, elegante, máscula, afirmativa, até um pouco agressiva e cheia de interjeições. Cezimbra Jacques, citando baiano ilustre, escreve: “*dos dialetos derivados da língua portuguesa falados no Brasil, o sul-rio-grandense é o mais lindo, sua elegância é em ser um pouco acastelhanado.*” José Veríssimo, ilustrado paraense de Óbidos, (Estudos Amazônicos) assim se referiu ao emprego do tu: “*Em todo o caso, o falar à segunda pessoa, à moda dos paulistas, é mais preciso e mais bonito, e se ainda em oração da segunda pessoa se quisesse usar de verbos na terceira, era preferível o emprego de você (derivado da segunda vos) com um certo quê de brasileirismo e um pouco correspondente ao usted dos espanhóis.*” Batista Caetano, citado por Sílvio Romero, “... *As pessoas mais lidas na literatura de Portugal já adotam na conversação o se e o si recíprocos, dirigindo-se a segunda pessoa e dizem: falo consigo, dirijo-me a si, é para si que trouxe esse livro, querendo dizer: falo contigo (ou convosco) à moda de São Paulo (onde também usam com mecê), dirijo-me a ti, é para ti que trago este livro.* José Veríssimo (1857-1916), Sílvio Romero(1851-1914), nascido em Lagarto, Sergipe, e o santa-mariense João Cezimbra Jacques, trazem extensos comentários sobre o linguajar brasileiro em sua obras Estudos Amazônicos, Estudo Sobre a Poesia Popular Brasileira e Assuntos do Rio Grande do Sul, respectivamente. Os três viveram a mesma época, foram pioneiros nos estudos dos usos e costumes brasileiros e em regiões bem distantes, razão pela qual eu os escolhi para estudos.

O *tu*, o *r*, o *s* sibilante com som de *z*, as vogais claras e bem pronunciadas, as frases como se fossem interjeições, o diminutivo em *ito* (a trotezito, a galopito, indiozito, piazito, etc.) em vez de *inho* pertencem ao linguajar típico da comarca de Curitiba, outrora província de São Paulo e não influência



Argentina ou Uruguaia como correntemente se apregoa.

Quanto à influência açoriana, Dante de Laytano, em os Açori- anos, Enciclopédia rio-grandense Vol. 1, citando Walter Spalding, escreve:

*“Dessarte, confrontando o atual linguajar gaúcho com o velho e ainda atual linguajar açoriano e dos escritores portugueses de 1400 a 1800, veremos que nós, na gleba gaúcha, não sofremos, como é hábito afirmarem, influência castelhana digna de nota, mas conservamos intacto, por assim dizer, o linguajar açoriano”.*

Recolhe, então, ao redor de 150 arcaísmos da língua popular gaúcha, que são os seguintes: abaxar (abaixar), abراسiado (ruborizado, vermelho), abusão (erro, ilusão, engano), achegamento (chegar, reunir, aproximar), açucre (açúcar), acupar (ocupar), adivinhança (adivinhação), afloxar (afrouxar), agachar-se (acocorar-se, render-se, abaixar-se, sujeitar-se), agardecer (agradecer), alembrar (lembrar, recordar), alambre (pessoa esperta, arame-alambrado), alevantar (levantar, erguer), alimá (animal), alimpar (limpar), almário ou almáiro (armário), alumiar (iluminar, fazer luz, compreender, brilhar), amenhã (amanhã), ametade (metade), amor (por amor de, promóde), amostrar (mostrar), antão (então), apeiro (parte dos arreios que serve para o governo, segurança e ornamento do cavalo), arrecear (receiar), arreceio (receio), arriba (acima), arrincar (arrancar), assentar (sentar), assossegar (sossegar), assegurar (assegurar), água (água), vantagem (vantagem), badana (carneira), bailo (baile), bombachas (calções largos e compridos que se atavam por baixo dos joelhos), brete (corredor de madeira para o gado ir ao banho), etc.

Defensão, defensar, (defesa, defender), deferença (diferença), dereito (direito), des (desde), desparar (disparar), despois (depois), desposto (disposto), devisa (divisa), disgrça (desgraça), dona (senhora), dromir (dormir), emaginar (imaginar), emborcar (cair de bruços), enício (início), entonce,



*entonces (então), entremente (entretanto), enveja (inveja), enxuto (enxuto), escachar (esmagar), escárnho (escárnio), escuitar (escutar), espírito (espírito), exprementar (experimentar) estamagado (aflito, ofendido), estâmago (estômago), estória (história, patranha), estralar (estalar), estromento (instrumento), filosomia, (fisionomia), folgo (fôlego), fremoso, fromoso, fremosura, fremosa (formoso, etc.), frorescer (florescer), fruito, fruita (fruto, fruta). Gardecer, gradecer (agradecer), gorgomilho (garganta), habelidade (habilidade), inorme (enorme), insinar (ensinar), isame, isaminar (exame). Junto a (junto de). Le (lhe), lecença (licença), lerdo (tardio), luita (luta). Maginar (imaginar), mato (mata), menhã (amanhã), misturar (misturar), melhor (melhor), molher (mulher), mui (muito). Noitecer (anoitecer). Onte (ontem). Passo (devagar; a passo), peão (empregado, etc.), pendença (pendência), perjuízo (prejuízo), pertença (pretenção), pertender (pretender), peadade (piedade), peadoso (piedoso), piqueno (pequeno), pinchar (impelir), pôs (pois), precurar, prescurar, (procurar), preguntar (perguntar), premeiro (primeiro), premeter (prometer), porfeitamente, prefeitamente (perfeitamente), pórpro (próprio). Raivar (encolerizar-se), rasto (rastro), reposta (resposta), rezão (razão), riba (ribeira, acima). Sacrefício (sacrifício), saluço (solução), samear (semear), simbrante (semblante), sêmos (somos), sestroso (manha), sentimento (sentimento), sentir (sentir), somana (semana), sospeitar (suspeitar), sumiço (desaparecimento), tabalião (tabelião), taleigada, talagada (quantidade grande - principalmente bebida), tâobem (também), trás, trasontonte (trás, anteontem) treição (traição), tresteza (tristeza). Varar (cruzar o rio, etc.), volume (volume), vertude (virtude) vesitar (visitar), véspra (véspera), vever (viver), e vezinho, vezenhança, vezindário (vizinho, etc).*

O professor Dante de Laytano chama a atenção que o açorianismo “constitui fenômeno comum da língua popular do Brasil”. E para o litoral do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que ainda se encontra um vocabulário todo especial, oriundo das ilhas, que se mantém até hoje. E cita alguns arcaísmos da



linguagem diária dos pescadores:

*Macacor (doença, enxaqueca) e marion (pessoa sem moral); inquisição (dúvida, arengar), còvado (medida 68 cm), pensão (cuidado), vigia (olhar), veleira (criada), trabuco (malfeita), tripulação (moradores de uma determinada zona), engulho (vômito seco) e alijar (vomitar). Engodo (ato de atrair o peixe).*

Quanto à pronúncia do *t* em algumas regiões em *tch* ele chama de pronúncia palatal africada. E exemplifica dizendo que os portugueses querem imitar os brasileiros, “reproduzem a palavra desta forma um tanto exagerada: *abisolutamentche*.”

Na extensa lista, vejo que todas as palavras são de uso comum e eu as conheço bem. Manuel de Paiva Boléu, professor de filologia portuguesa da Universidade de Coimbra, vem à costa de Santa Catarina e recolhe inúmeros açorianismos como coeio, muié, mior abêia, borraio, etc, que na verdade é usado em todo o Brasil e faz parte do linguajar caipira. Neste ponto, o açoriano mistura-se com o índio que também não usa o *r* final e nem o *lh* de coelho. E eu já não sei mais o que é caipira e o que é açoriano. A mesma coisa ocorre com um vasto vocabulário onde as palavras se confundem com o espanhol, e, na verdade, são açorianas.

Até que um erudito faça uma análise global de inúmeras palavras que parecem ser ou índias, ou açorianas, ou espanholas, eu penso que as palavras européias nos vêm através de Portugal.

EM PASSEIO À MINHA TERRA, Salvador Correia Coelho, em 1769, observa e registra o falar dos campos-gerais:

*Falavam por meio de interjeições exprimindo os diminutivos por “ito”.*

Vejamos o que escreve Câmara Cascudo, sobre o “espanholismo” da língua portuguesa, em CINCO LIVROS DO



POVO :

*Também as novelas exemplares de Miguel de Cervantes Saavedra (1613) desapareceram das mãos portuguesas e brasileiras desde que o idioma de Portugal se afirmou no Brasil e o uso bilingüe já não era comum e fácil de encontrar como no tempo de Gil Vicente e de Camões*

*Mais adiante: “Não era embaraço passível de recusa a afirmativa de ser o castelhano uma língua habitualmente falada pelos portugueses. A difusão das novelas em castelhano era um fato natural e diário. O castelhano, sabido e corrente na península, seria mesmo preferido pelos maiores de Portugal. Em castelhano estava a maioria dos autos de Gil Vicente e os três autos de Luiz de Camões. Em castelhano ficaram milhares de poemas, alguns centos deles restituídos à língua materna pela dedicação de João de Castro Osório. Como se sabe, escrevia Mendes dos Remédios, o espanhol era uma língua tão sabida e tão usada em Portugal como a nossa própria.*

M. Cardoso Mata informa: *“apesar da separação política de 1640 e das lutas que delas resultaram na segunda metade do século XVII, apesar mesmo da então recente e ruínosa guerra para encaixar Carlos Terceiro, contra a vontade da França, no trono de Madrid, e das freqüentes controvérsias políticas, literárias e pessoais entre lusos e castelhanos, a língua de Lope de Vega e Santa Teresa de Jesus foi corrente em Portugal até o meado do século XVIII.”*

Na História do Brasil de Hélio Vianna, referindo-se aos acontecimentos políticos logo após a Restauração (1640), citando a D. João IV: *“com tanta rapidez e habilidade procedeu seu governo, que já em fevereiro do ano seguinte era ela conseguida na cidade de Salvador, onde governava o primeiro vice-rei do Brasil, Marquês de Montalvão, ainda nomeado por Felipe IV; em março festejava-se o acontecimento no Rio de Janeiro, governado por Salvador Correia de Sá e Benevides, filho e marido de espanhola,*



*casualmente espanhol ele mesmo, e não carioca como se supunha; em abril, apesar do excepcional episódio sem consequências, de tentativa de Aclamação de Amador Bueno, aclamava-se o Duque de Bragança em São Paulo, verdadeiro ninho de castelhanos.”*

Vejam que os castelhanos nomeavam o governador da Bahia, era castelhana toda a família do governador do Rio de Janeiro e ele próprio, e São Paulo era um NINHO DE CASTELHANOS.

Na verdade, eu penso que o nosso linguajar veio da Paulistânia, através dos nossos ancestrais que, na década de 1820, deixaram os planaltos paranaenses e aqui se estabeleceram. Não só o linguajar, mas também usos e costumes, senão vejamos:

No já citado Passeio à Minha Terra, encontramos a descrição do homem rural dos Campos Gerais de Curitiba: *Aquele que nos campos-gerais entrega-se continuamente ao custeio da criação no campo, fazendo o serviço a cavalo e conhecido por “monarca da coxilha”; traz na cabeça um chapeuzinho de copa rasa e abas um tanto largas, que prende-se ao rosto por uma barbeta de trancelin de seda ou algodão tintos; põe-no a banda e não usa gravata; por cima da camisa traz o poncho listrado e fimbreado, a que se dá o nome de - “pala” feito de lã, à cintura a - “guaiaca” - sorte de ornato que tem o duplo fim de servir-lhe de bolsa e de cinta: esta peça de couro garroteada e ornada de bordados flóreos de retrós de cores, na face ostensível só presa por dois broches, ordinariamente duas moedas de ouro, prata ou metal branco, conforme os teres do indivíduo; calças muito largas com feição de ceroulas; botas de couro cru, de ordinário umas perneiras; esporas de enormes rosetas com largas presilhas ou correntes, que quase sempre impedem o andar do proprietário, chamam-nas - “chilenas” - e são tão grandes que não permitem na marcha conservar os pés na posição natural, força, pois, mover-se nas pontas deles tardamente como a preguiça ou tartaruga na terra. Na parte anterior do corpo, sobre o abdome, permanece a faca de ponta, aparelhada de prata; o chicote pende*



por uma presilha do braço esquerdo do cavaleiro, que estriba na ponta dos pés e segura a brida com a destra; traz à cinta uma ou duas garruchas e as vezes espada e alguns dos seus chicotes têm um punhal oculto no cabo.

Quase nunca o **monarca da coxilha** vai assentado em perfeita posição vertical sobre a sua cavalgadura; a miúde, seu corpo tem uma declinação para um dos lados, sendo o centro de gravidade não as nádegas, mas uma das coxas alternadamente.

Os seus jaezes ou arreios compõem-se de muitas peças **lombilho chergas caronas pelegos badanas etc.**” que fora extenso enumerar, umas necessidades e outras de mero luxo. Carrega sobre as ancas da cavalgadura o laço dobrado em vários seios.

Pela natureza do terreno não é mister que ele calce o seu cavalo, que é seu amigo e companheiro; o **monarca da coxilha** o quer com o amor do árabe; os seus arreios completos chamam-se - “apeios”- (sic).

O **monarca da coxilha** deve saber domar para aturar os corcovos e incidentes do cavalo e da equitação, laçar correndo a cavalo, pealar, que é a ação de caçar com o laço pelas patas o animal que se pretende segurar. Ele qualifica de - **pingo** - ao cavalo e de - peixe - ao chicote, de - **cipó** - ao laço, as esporas muitas vezes de - **mutuca** - Fuma cigarro, cujo envoltório denomina - **mortalha** -.

O seu falar é cheio de interjeições; usam hipérboles atrevidas e arriscadas e de bravatas espanholas; no discurso pronuncia palavras em voz baixa e sem haver transição pronuncia outras alteando-as, como por arrancos; sempre exprime os diminutivos em - **ito** -.

A população da Lapa, em 1769, seria formada por cerca de 100 casais de origem portuguesa e de “sangue limpo” etc..., E mais adiante: “A esta população permanente, constituída de



*portugueses e seus descendentes e também mulatos, juntavam-se os tropeiros, vindo dos mais diversos pontos do país, trazendo modificações nos costumes dos povos, no linguajar e no seu comportamento social”.*

Creio que essa citação se justifica pelo corredor cultural dos tropeiros. “... Na cabeça trazia um chapeuzinho de copa rasa e abas largas preso ao rosto por uma barbela de seda ou algodão tintos; por cima da camisa, um poncho listrado com franjas; na cintura, a guaiaca, que era ao mesmo tempo bolsa e cinta e que levava duas moedas de metal ou ouro como enfeite. As calças eram largas, as botas de couro cru, esporas enormes de rosetas com presilhas largas e correntes “que quase o impedem de caminhar”. Ao lado da cintura, a faca de ponta e uma ou duas garruchas; no braço esquerdo pendia o chicote. Às vezes usava uma espada e alguns dos chicotes tinham um punhal oculto no cabo. Montado meio inclinado sobre o arreio composto de muitas peças, carregava nas ancas do cavalo o laço dobrado em várias voltas. Quanto aos hábitos alimentares, o uso do mate chimarrão é muito difundido - como aliás em todo o Paraná tradicional.” E mais adiante: “como sobremesa leite com farinha de milho.”

Ora, a região da barba-de-bode, dos birivas, tendo como núcleos Santa Bárbara, Palmeira e Passo Fundo, foi povoada por uma única família, os MARTINS. Os Amaral de Palmeira são do ramo dos povoadores trazidos pelo alferes Athanagildo Pinto Martins, o desbravador da vereda das missões. Os de Carazinho (núcleo inicial à margem esquerda do Jacuí Mirim), todos foram trazidos por Rodrigo Félix Martins, irmão do Athanagildo. Todos de Castro. Filhos do português Capitão Mor de Curitiba Rodrigo Félix Martins. Os irmãos Athanagildo e Rodrigo vieram com “sua numerosa família”, conforme petição de sesmarias ao comando de São Borja, compreendendo filhos, genros, parentes próximos e agregados (ver Roselys Vellozo Roderjan, Raízes e Pioneiros do Planalto Médio, edição conjunta, Universidade de Passo Fundo, Prefeitura Municipal de Carazinho e Empresa Jornalística Diário da Manhã, 1991).



Esta nossa gente sempre se manteve meio enclausurada no meio da barba-de-bode, cercada pelos capões de mato e as restingas que acompanham o curso dos rios. Os fronteiristas sempre nos chamaram de birivas. E eles estão corretos. A nossa cultura é bem diferenciada. Mantivemos os usos e costumes dos Campos Gerais de Curitiba. A mesma linguagem, a mesma maneira de falar. Quando a curitibana professora e historiadora Roselys aqui se encontrava pesquisando, apresentei-lhe um passo-fundense tradicional. Esta observou: - “Engraçado, ela fala bem igual a nós”. Biriva empedernida aqui da serra, nem se deu conta que nos é que falamos igual a ela.

O biriva serrano ainda continua numa longa sesteada sem despertar para a sua cultura. Participa intensamente do movimento tradicionalista, e acha engraçado a maneira como os citadinos se vestem de gaúchos. São quietos, retraídos e se mantêm mais ou menos à parte. De longe a gente conhece quem é gaúcho serrano e quem está vestido de gaúcho. Falam calmo, com todas as letras bem pronunciadas, e mantêm o vício acaipirado (ou português quatrocentista?) de engolir o “r” final (matá, casá, churrasqueá); ainda não nos livramos do nós fumo lá. Truche um barde d’água de varde, nem percisava”. O verbo carecer é que está em desuso. Eu ouvia muito a peonada dizer “não carece dona, é mió dexá pros otro”. O magistral conto de Cornélio Pires FUZILOU UMA CACETADA denuncia um verbo que também foi muito usado por aqui e com o mesmo sentido. Desnecessário registrar o nosso tão conhecido sotaque acaipirado trocando o *l* pelo *r* e todos os vícios da linguagem guarani, onde não existe a pronúncia do *f* do *l* e do *r* e que no entender de um jesuíta da época assim exprimia sua preocupação em carta ao rei de Portugal: *“esta gente, senhor, não pronuncia o “f”, o “l” e o “r”, certamente porque não tem fé, nem lei, nem rei.”*

Fenômeno interessante que se observa nos dias atuais é o uso do carioquês por todas as camadas sociais. O que mais se ouve é novelas, e os artistas são, praticamente, todos cariocas. A imitação é inevitável. A TV carioca é a única que abrange



todos os municípios, daí essas tendências a uniformização da língua. Por outro lado, esta mesma rede contrata locutores que só falam o carioquês, bem como as “hádio efi emi”. As emissoras tradicionais continuam com excelentes locutores. O interessante de se observar é que o homem que está perdendo sua identidade cultural puxa pelo carioquês assim que se vê diante de um microfone. E aí nós ouvimos, onti eli veiu di Pohrtu Alegri i eu di u teu indereçu a eli.

A região serrana é povoada por elementos europeus, praticamente, em sua totalidade. A tentativa de mudar a nossa maneira natural de pronunciarmos o nosso “r” pelo “r” gutural do carioca, resultou em “h” aspirado. Com isso eliminou-se a dificuldade do elemento italiano e alemão, mas levou o de origem portuguesa a abandonar o “r” tradicional. O elemento descendente dos acaipirados dos campos gerais do Paraná é o que mais força o carioquês. Eles dizem: - Eu di uma colher di chá para eli.

A graciosidade do linguajar carioca está no timbre da voz, na pronúncia do português arcaico de Lisboa e no “r” gutural suave, doce e bem aberto, coisas que tchê nenhum poderá imitar. As emissoras de televisão paulistas chegam a poucas cidades do interior e com imagem que deixa a desejar, por isso não são imitadas. No interior de Soledade, eu me perdi numa daquelas estradinhas de pura pedra. Parei diante de um casebre e pedi orientação. Uma senhora me atendeu e falou num linguajar caipira, tão caipira quanto o de Itu, em São Paulo. Mas fora criada ali mesmo. Fiquei duplamente perdido...

Insistindo na tese de que o nosso linguajar acastelhanado não vêm da fronteira Uruguai/Argentina, volto a citar Sílvio Romero, que corrobora esta hipótese quando escreve: *“outra irregularidade na linguagem se observa na Venezuela, que não sei se existe em alguma parte da Espanha, mas que não vi em nenhuma das outras repúblicas que visitei, e que, a meu ver, lhe dá muita graça. Falo dos diminutivos aplicados aos gerúndios, os*



*quais dão às conversações uma construção maviosa, muito em harmonia com as maneiras suaves das americanas. Dizem por exemplo: “F. há puesto una tiendita y va ganandito sus reales”. Ou em resposta ao saudar ordinário de como passa: “voy passandito asi no más”. De elvisnando, andando, fazem elvisnandito, andandito, etc. De todos fazem todito, todilico; de ahora fazem ahorita, semelhante ao nosso agorinha paulista. Walter Spalding em Uruguaio no R.G.S., enciclopédia Rio-grandense, Vol. 5, mostra que a influência portuguesa é que foi muito grande no Uruguai. Como exemplo cita o poeta Augustin R. Bisio que “procurou imitar perfeitamente a linguagem popular, linguagem usada desde Tacuarembó até a fronteira com o Rio Grande do Sul.”*

### “PIEDRA-MORA

Mesmo como piedra-mora  
Rodando n'el cuest'abajo  
a tumbos por la canada,  
y a gorpes, sab'asta cuándo  
asin me trujo la vida,  
me redondando los cantos;  
y, ya stoy cuasi redondo  
cuiasi parau in el bajo!

Y asin, como piedra-mora,  
hei de quedar en la varge,  
ne la bera dei camino,  
cravadito com'un marco.

Com'essas piedras redondas  
que las va cubriendo el pasto  
y so lo siervem, as veces,



o pra qui un prestación discance  
o prá que argun carretero  
l'utilize como calzo  
o qui tropezando ñeia,  
le large argunos... ca...rambas!

Por qu'índa, dispués de muerto,  
hai de servir el cristiano,  
praqui ayá, di vez in cuándo,  
lo arricuerden in el pago,  
mesmo como piedra-mora!  
com'assiento, como calzo,  
y, até pr'istorvo di argunos  
di los que sieguen... rodando!

Verifique-se a quantidade de palavras portuguesas, como “mesmo”, “tumbos” (tombos), “gorpes” (golpes), “ansin” (assim), “argun” (algum), etc.”

Durante o período em que o Uruguai esteve anexado ao Brasil, muitos brasileiros se estabeleceram no Uruguai. Os que lá já se encontravam regularizaram suas situações. O conde D'Eu chama a atenção para o grande número de fazendeiros de origem portuguesa lá estabelecidos e afirmou que isso se devia aos baixos preços das terras no Uruguai.

**Concluindo:** foi a Paulistânia (S. Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná) no dizer de Joaquim Ribeiro, citado por Rossini Tavares, que difundiu e deu unidade à linguagem folclórica. Tal dialeto histórico foi o extrato primevo da linguagem de toda a região devassada pelas bandeiras.

Ao tratar do problema da linguagem, o meu objetivo é fixar um pouco a minha época, do que se fala e das dúvidas que se tem. Nada Mais.



## BIBLIOGRAFIA

Arroyo, Dr. Angel Antonio Gómez dei Arroyo. Enciclopédia Rio-grandense, 5a Vol., A Imigração, Editora Regional Ltda., 1958 Canoas - RS.

Cascudo, Luiz da Câmara. Civilização e Cultura, Editora Itatiaia Limitada - 1983 Belo Horizonte.

Coelho, Salvador José Correia. PASSEIO À MINHA TERRA, Farol do Saber, Curitiba, Fundação Cultural.

Bento, Cláudio Moreira. O NEGRO E DESCENDENTES NA SOCIEDADE DO RIO GRANDE DO SUL (1635-1975).

D'Eu, Conde. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Agosto a Novembro de 1865). Companhia Editora Nacional, 1936 - SP.

Dreys, Nicolau. Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro - Instituto Estadual do Livro-PA., 1961.

Hörmeyer Joseph - O Rio Grande do Sul de 1850: Descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil meridional. DC Luzatto Editora Ltda. e Eduni-Sul - RS.

Jaeger, Pe. Luiz Gonzaga. S.J., Enciclopédia Rio-grandense, Ia Vol., O Rio Grande Antigo, Editora Regional Ltda., 1958, Canoas - RS.

Laytano, Dr. Dante. Enciclopédia Rio-grandense, 5a Vol., A Imigração, Editora Regional Ltda, 1958, Canoas - RS.

Laytano, Dr. Dante. Enciclopédia Rio-grandense, Ia, Vol. Os Açorianos, Editora Regional Ltda., 1958 Canoas - RS.

O índio No Rio Grande do Sul. Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Biênio da Colonização e Imigração - PA.,



1975.

Spalding, Walter. Enciclopédia Rio-grandense, 5a Vol., A Imigração. Editora Regional Ltda., 1958, Canoas - RS.

Wiederspahn, Ten. Cel. Henrique Oscar. Enciclopédia Sul-rio-grandense, 1a Vol., A Imigração. Editor Regional Ltda., 1958, Canoas - RS.







[Catálogo do Projeto Passo Fundo  
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

# O GAÚCHO QUEM É...



Pedro Ari Veríssimo da Fonseca





ISBN 978-858326224-4



9

788583

262244



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura